

Marcelo Haiachi  
organizador

# BADMINTON PARA TODOS



Criação Editora





Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi  
Líder GPEOP

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira  
Vice-Líder GPEOP



Prof. João Pedro Bonaparte Tavares  
Presidente FSBd

Prof. Nathan Santos  
Vice-Presidente FSBd



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO - PPGCM

#### **CONSELHO CIENTÍFICO**

Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira - UFS / BRA

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppol Filho – UFRGS / BRA

Prof. Dra. Ana Maria de Freitas Miragaya - UNESA / BRA

Prof. Dr. Antonio Mussino – UNIROMA / ITA

Prof. Dra. Giandra Anceski Bataglion - UFAM / BRA

Prof. Dra. Janice Zaperlon Mazo - UFRGS / BRA

Prof. Dr. Julio Brugnara Melo – PUC / CHI

Prof. Dr. Leonardo José Mataruna dos Santos - CUD / EAU

Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa – UERJ / BRA

Prof. Dra. Roberta Santos Kumakura – BA&M / BRA

Prof. Dr. Saulo Fernandes de Oliveira - UFPE / BRA

Prof. Dr. Vinícius Denardin Cardoso – UERR / BRA

**Marcelo Haiachi**  
organizador

# **BADMINTON**

## **PARA TODOS**



**Criação Editora**  
Aracaju (SE) | 2024



Copyright © 2024, by Marcelo de Castro Haiachi

É proibido reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

#### EQUIPE DE REVISÃO

Coordenação

Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Roberta Santos Kumakura - GPEOP UFS / BRA

Revisores:

Prof.<sup>ª</sup>. Msda. Tamires Nunes dos Santos - GPEOP UFS / BRA

Prof. Msd. Arthur Emanuel Azevedo Silva - GPEOP UFS / BRA

Prof. Marcos Lima Barbosa - GPEOP UFS / BRA

Prof. Msd. Augusto César Alves da Silva - GPEOP UFS / BRA

#### PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Adilma Menezes

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059

B136      Badminton - para todos / Organizador: Marcelo Haiachi.  
– Aracaju: Criação Editora, 2024.  
94 p.: il. ; color.  
E-book  
ISBN: 978-85-8413-592-9

1. Parabadminton. 2. Esporte. 3. Inclusão. I. Título. II.  
Haiachi, Marcelo (org.). III. Assunto.

CDU: 796-056



## PREFÁCIO

A ciência do esporte está em constante desenvolvimento, proporcionando a evolução nos recursos humanos envolvidos (atletas, técnicos, árbitros, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos) no esporte. Diante de tal perspectiva o Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP) tem o grande prazer em colaborar para o desenvolvimento do Parabadminton por meio desta obra.

O Badminton Para Todos surge a partir do anseio do GPEOP em disseminar o conhecimento e propagar o Parabadminton a todos interessados. Esta obra aborda pontos chaves para o domínio e prática da modalidade, como a história e relatos do Parabadminton, suas regras, a caracterização do jogo, como é a classificação funcional do Parabadminton e questões relacionadas ao treinamento.

A obra em questão apresenta a história Parabadminton, ponto no qual traz as características e desafios iniciais do esporte, assim proporcionando ao leitor prever e planejar estratégias de implantação da modalidade. Já no campo da classificação funcional o texto viabiliza o acesso à informação necessária para promover questões e iniciativas com o objetivo de instaurar a equidade na disputa por classes.

A implementação e prática do Parabadminton tem como fatores primordiais o conhecimento de outras áreas do esporte, como todo esporte o Parabadminton tem suas regras específicas as quais se fazem indispensáveis para o desenvolvimento e dinâmica da prática do mesmo.

A caracterização do jogo aliada a tática forma uma grande aliança de extrema relevância para o desenvolvimento do Parabadminton, a

## PREFÁCIO

obra irá explanar sobre tais temas para que todos façam uso do conhecimento necessário para iniciarem a prática da modalidade.

A obra em toda sua estrutura textual tem por objetivo proporcionar ao leitor o conhecimento das ferramentas necessárias para usufruir da prática do Parabadminton de forma segura, confortável e prazerosa.



FEDERAÇÃO SERGIPANA DE BADMINTON

Federação Sergipana de Badminton

FSBd



## APRESENTAÇÃO

Marcelo de Castro Haiachi  
Nathan Santos

**E**sta obra é fruto do trabalho iniciado em 2013, com o objetivo de proporcionar às pessoas com deficiência a oportunidade de se desenvolverem, explorarem suas potencialidades e conquistarem autonomia. Para atingir esse objetivo, foi fundamental a criação de uma política e de um planejamento que viabilizasse esse desenvolvimento. Como resultado, foi criado o Projeto Paradesportivo de Sergipe, uma ação de extensão da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em parceria com a Federação Sergipana de Badminton (FSBd), que, de maneira integrada, promoveu o crescimento do Parabadminton em Sergipe.

O Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE), gerou conhecimentos e contribuições para a qualificação de profissionais de diferentes áreas. Ao longo desses anos, foi possível vivenciar e promover o desenvolvimento do Parabadminton, criando uma rede de apoio e aprendizados para que todos tivessem acesso e participassem, independentemente do seu nível técnico. Este livro reflete todo o conhecimento adquirido ao longo dessa trajetória, trazendo à tona as experiências, as conquistas e os desafios enfrentados ao longo desse percurso, com o intuito de tornar o Parabadminton mais acessível e inclusivo para todos.

A competição e o desejo de evolução são elementos intrínsecos ao PPdSE, impulsionando tanto os atletas quanto os alunos e docentes envolvidos com a promoção do bem-estar e do desenvolvimento de todos os envolvidos. O projeto, inicialmente estruturado para ser uma atividade recreativa e de participação, evoluiu ao longo do tempo e assumiu uma dimensão competitiva à medida que seus alunos começaram a participar de competições estaduais, regionais, nacionais e internacionais.

## APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento contínuo da Ciência Esportiva no âmbito do projeto, juntamente com o avanço da competitividade dos atletas, trouxe um aumento significativo na força e notoriedade do grupo no cenário paradesportivo nacional. Esse crescimento trouxe consigo uma maior responsabilidade e um compromisso ainda mais elevado das ações presentes no projeto.

A mudança de plano de aula para planificação de treino foi um divisor de águas, resultando em conquistas notáveis e na ascensão de atletas com destaque no ranking mundial do parabadminton. Esse avanço permitiu que atletas que, no passado, enfrentavam lesões e condições de reabilitação, sonhassem e realizassem o processo de profissionalização no esporte.

A profissionalização dos atletas trouxe consigo responsabilidades, deveres e direitos, incluindo a geração de renda por meio do esporte. O PPdSE se transformou em um polo do parabadminton internacional de grande desenvolvimento e renome. Essa jornada de sucesso culminou na participação de atletas do projeto na corrida paralímpica do ciclo de Paris 2024 e na corrida para o Parapan-americanos de Santiago, no Chile, em 2023.

Nesse contexto, o projeto criou e desenvolveu um ambiente propício para o crescimento do esporte e o desenvolvimento de pessoas. Esse ambiente não apenas permitiu que os participantes atingissem altos níveis de desempenho esportivo, mas também promoveu sua inclusão social e pessoal. O projeto transcendeu as expectativas iniciais e se tornou protagonista no cenário paradesportivo de alto rendimento.

A FSBd, desde sua fundação em 2011, tem desempenhado um papel crucial na promoção e no desenvolvimento do badminton em Sergipe, com atenção especial à inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência. O trabalho conjunto da FSBd e da UFS no âmbito do PPdSE tem sido essencial para ampliar o escopo do Parabadminton no estado, organizando competições, treinamentos e eventos que visam à promoção da prática e à formação de atletas.

A união entre a FSBd e a UFS é um exemplo de como o esporte pode ser utilizado como ferramenta de transformação social, permitindo que pessoas com algum tipo de deficiência não só pratiquem esporte, mas também encontrem uma forma de expressão e autonomia.

# Sumário

<b>Prefácio</b>	<b>5</b>
<b>Apresentação</b> Marcelo de Castro Haiachi; Nathan Santos	<b>7</b>
<b>PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA</b> Maria Gilda dos Santos Domingues Antunes; Marcelo de Castro Haiachi	<b>11</b>
<b>CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO PARABADMINTON</b> Elenilton C. de Souza; Marlúcia C. Farias; Renan Wesley S. do Rosario; Maria Vitória de S. Nobre	<b>28</b>
<b>CONHECENDO AS REGRAS DO JOGO</b> Reniisson Diego Guimarães Vieira; Nathan Santos	<b>32</b>
<b>IMPORTÂNCIA DAS CADEIRAS ESPORTIVAS</b> Augusto César Alves dos Santos; Tamires Nunes dos Santos; Arthur Emanuel Azevedo Silva; Marcos Lima Barbosa; Marcelo de Castro Haiachi	<b>39</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO JOGO</b> Tamires N. dos Santos; Marcos L. Barbosa; Augusto César A. dos Santos; Marcelo de Castro Haiachi	<b>59</b>
<b>PRIMEIROS DESAFIOS</b> Nathan Santos; Augusto César A. dos Santos; Maria Gilda dos S. D. Antunes; Tamires N. dos Santos	<b>65</b>
<b>ORIENTAÇÕES PARA UMA SESSÃO DE TREINAMENTO</b> Nathan Santos; Marlúcia Cruz Farias; Elenilton Correia de Souza	<b>71</b>
<b>GERANDO MOVIMENTO NA VIDA DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS INTELLECTUAIS E AUDITIVAS</b> Leonardo Augusto Claudio de Souza Assis; Nathan Santos; Arthur Emanuel Azevedo Silva	<b>75</b>
<b>SAÚDE MENTAL: A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO NA PANDEMIA E NO PÓS-PANDEMIA</b> Aline Lisboa dos Santos; Jucimara Cabral de Santana Ramos	<b>82</b>
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	<b>89</b>



## PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

Maria Gilda dos Santos Domingues Antunes  
Marcelo de Castro Haiachi

A origem do Parabadminton remonta a necessidade da universalização das práticas esportivas, sendo assim a modalidade é uma adaptação do badminton para pessoa com deficiência, um esporte de rede jogado em quadra retangular com uso de raquete e peteca, tendo como sistema de disputa um jogo de melhor de 3 *games* com 21 pontos, onde o ponto é realizado ao acertar a peteca na área de jogo adversária ou no corpo do adversário, ao qual pode ser disputado em 5 modalidades simples masculino e feminino, duplas masculina, feminina e mista. As regras do parabadminton são as mesmas do badminton convencional apresentando apenas adaptações em relação às características específicas de jogo, em algumas classes funcionais.

O surgimento histórico do Badminton, é incerto e pode estar ligado a três continentes: Ásia, América e Europa, havendo mesmo quem defenda a sua existência há milênios. Porém na China foram encontrados vasos de cerâmica do ano de 3500 a.C. com desenhos de uma mulher com uma bola com penas, um objecto semelhante a uma peteca. Outros estudos apontam que foi na Índia que os soldados ingleses após retornar da guerra, apresentaram aos nobres na Inglaterra.

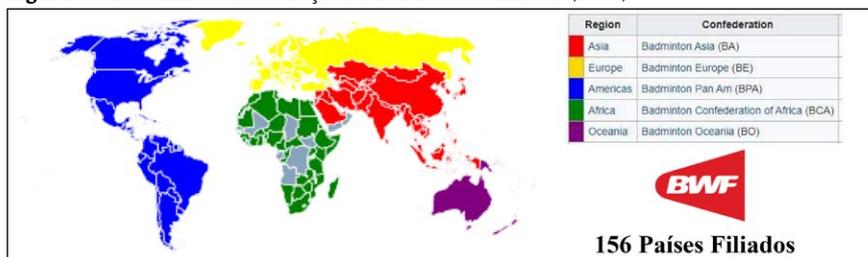
Contudo temos como fato que *International Badminton Federation* (IBF), atual *Badminton World Federation* (BWF), fundada em 1934, com 156 membros atuais, desempenha um papel vital no estabelecimento das bases para o parabadminton.

A modalidade paralímpica evidencia uma evolução notável desde sua origem na Alemanha nos anos 1990. Inicialmente adaptado por

atletas cadeirantes, a modalidade cativa praticantes em todo o globo. Sua oficialização pela BWF ocorreu em 2011, após a primeira competição reconhecida na Tailândia em 2007, que envolveu 195 atletas.

Observa-se que a estrutura de gestão do Parabadminton se fundamenta no modelo de gestão esportiva piramidal, contando com a Organizações de nível internacional a BWF e o IPC e as confederações continentais, Comitês Paralímpicos Nacionais e Organizações Nacionais de Esportes para Deficientes. Atualmente a modalidade é praticada em 197 países (ver figura 1), em 5 continentes devidamente filiados.

**Figura 1:** Países filiados à Federação Mundial de Badminton (BWF)



Fonte: BWF, 2018.

Em 2018 o Parabadminton teve sua primeira participação nos Jogos Parapan Americanos realizados em Lima (PER) no período de 28 agosto a 01 de setembro. A delegação brasileira esteve presente e conquistou um excelente resultado com 4 medalhas de ouro, 4 medalhas de prata e 2 medalhas de bronze totalizando 10 medalhas. Para 2021 mais uma estreia, primeira participação no programa dos Jogos Paralímpicos de Tokyo 2020 com a classificação de 1 atleta.

Para tanto, no ciclo paralímpico seguinte a participação brasileira nos Jogos Parapanamericanos de Santiago 2023 (CHI) teve como resultado de 21 medalhas sendo 9 ouros, 9 pratas e 3 bronzes, bem como nos Jogos Paralímpicos de Paris 2024 aumentou para o número de atletas classificados para 3 com a conquista de uma medalha de bronze com o atleta remanescente de Tokyo Vitor Tavares.

## PARABADMINTON NO BRASIL

Resultando desse desenvolvimento histórico, uma das modalidades que se tornou paralímpica e está conquistando várias pessoas é o Parabadminton, ou seja, o Badminton para pessoas com deficiência. Esta conquista se dá pelo fato de que em 2014, o International Paralympic Committee (IPC) incluiu o Parabadminton no programa de modalidades paralímpicas presentes nos Jogos Paralímpicos Tokyo 2020.

A Confederação Brasileira de Badminton (CBBd) é uma associação sem fins lucrativos, de caráter desportivo, fundada na cidade de São Paulo, em 12 de outubro de 1993. Filiada à BWF, a Confederação Pan-Americana de Badminton (BPAC), a Confederação Sul-Americana de Badminton (CONSUBAD) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), sendo estes os entes responsáveis pelo Parabadminton no país, no continente e no mundo. Ressaltando que da data de fundação até janeiro de 2024 a CBBd apresenta 24 federações estaduais filiadas espalhadas por todo território Nacional.

Os Estados que possuem federação filiadas à CBBd são: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

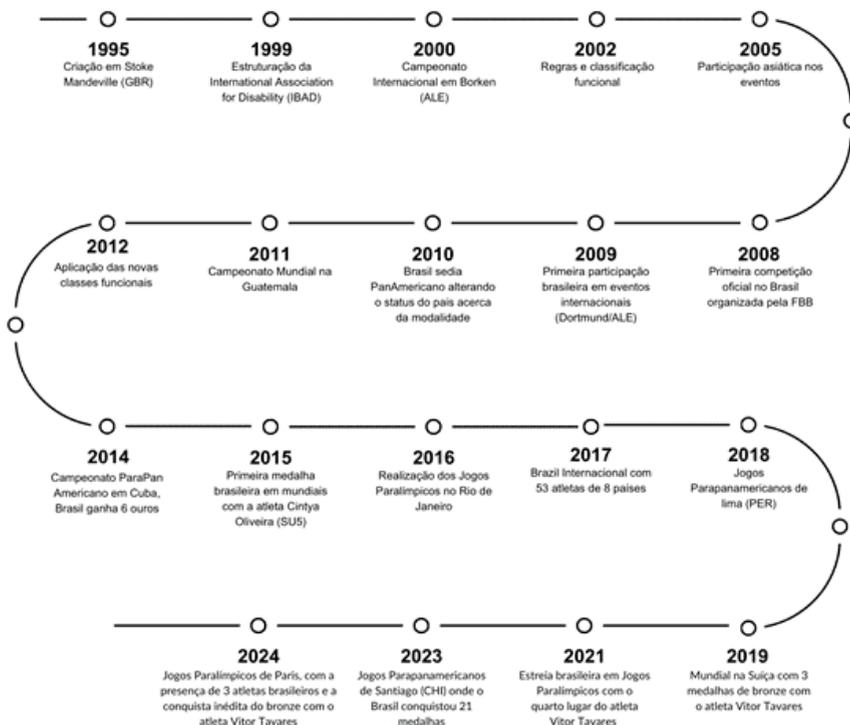
No Brasil é importante frisar que tanto o Badminton como o Parabadminton, estão em constante desenvolvimento. Por sua vez, o esporte adaptado tem demonstrado a sua importante relevância no processo de reabilitação e socialização, além de auxiliar nas atividades da vida diária (AVD) das pessoas com algum tipo de deficiência.

O Parabadminton foi trazido para o Brasil pelo Professor de Educação Física de Brasília Létisson Samaroni, e a primeira competição no país aconteceu em 2008, com o apoio da Federação de Badminton de Brasília (FBB).

PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

A partir desta mobilização a CBBd criou a diretoria de Parabadminton, o que facilitou a organização de duas etapas estaduais em Brasília e a realização do 1º Campeonato Brasileiro da Categoria. O ano de 2009 marcou também a primeira participação dos atletas brasileiros em eventos internacionais, fato este que ocorreu no Campeonato Internacional de Dortmund (GER). Essa participação levou a BWF a convidar o Brasil para participar do mundial da modalidade na Coreia do Sul. Por motivos financeiros, os cinco atletas convidados não participaram da competição, mas colocaram o país no cenário internacional do Parabadminton. Apresentamos abaixo uma breve linha do tempo da modalidade:

Figura 2: linha do tempo do parabadminton



Fonte: autores

## PARABADMINTON EM SERGIPE

A estruturação do parabadminton em Sergipe coloca em evidência a importância de dois conceitos: interesses e grupos de pares. Esta abordagem de análise faz parte da teoria de Super (1990) que traz um modelo que nos possibilita colocar em pauta as realizações profissionais (interesses) e as ações práticas (grupos de pares) no plano profissional. Esta interação se mostra dinâmica e está alinhada ao cumprimento de certas tarefas de acordo com as expectativas individuais e sociais.

Nossa intenção é reforçar a importância dos professores no processo de criação de oportunidades, para que pessoas com deficiência tenham experiências importantes que possam ser consideradas pontos de inflexão em suas vidas. Que esta experiência sirva para estruturação e sistematização do Parabadminton em outros estados e municípios do Brasil, além de produzir e difundir informações tanto para comunidade em geral como para a comunidade acadêmica.

Optamos por apresentar relatos e vivências das pessoas envolvidas diretamente com o processo de estruturação da modalidade no estado. Logo, essa trajetória ao entorno do que se quer conhecer e relacionar através das falas dos entrevistados sobre o Parabadminton com a narrativa da história oral pode se organizar e relacionar passado e presente confirmando a veracidade das informações.

A contextualização do surgimento do Parabadminton em Sergipe foi dividida em três (03) partes visando um melhor entendimento sobre a sua estruturação: atores, papel da Federação Sergipana de Badminton (FSBd) e contribuição da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Foram entrevistados professores de educação física (08) formados em universidades públicas e com um tempo grande de atuação na área (de 12 a 45 anos). Dois professores fizeram sua formação fora do estado de Sergipe (Rio de Janeiro), sendo dois mestres e seis doutores, reforçando a qualificação profissional dos professores entrevistados.

## PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

Considerados atores no processo de estruturação do esporte no estado, todos os professores tiveram um papel importante para a implementação do Badminton no estado de Sergipe. O Badminton e o Parabadminton sempre caminharam juntos, inclusive como fundadores da FSBd temos duas entidades que atuam junto a pessoa com deficiência: Instituto Lourival Fontes e Centro Integrado de Esportes Paratletas (CIEP). Cada vez mais pessoas passam a procurar a modalidade, pessoas com e sem deficiência.

Quando perguntados sobre a aparição do Parabadminton os professores abordaram o tema da seguinte forma:

**Tabela 1:** fala dos professores em relação ao Parabadminton

P1	“o Parabadminton, já surgiu desde 2011 com a FSBd sendo constituída com um pouco dessa necessidade de ofertar uma outra modalidade esportiva que era o badminton. Então acabou que a gente nunca separou o Parabadminton... ele funciona dentro da universidade o tempo inteiro”
P2	“trouxemos o projeto PpdSE e o parabadminton foi rápido, com dois anos, nós podemos dizer que já tinha estabelecido um grande potencial enquanto, que no badminton demorou de 6 a 7 anos para começar a render frutos”
P3	“o parabadminton, veio a partir do momento que a gente começou a se envolver com a FSBd, com o projeto lá na UFS, é que eu vim a conhecer mais de perto. Antes não tinha visto nada nesse sentido não! O nascedouro foi dentro da UFS”
P4	“como professor da UFS, juntamente com um grupo de outros colegas, tomamos conhecimento de uma modalidade nova que estava surgindo no estado e de repente veio o primeiro curso para a gente fazer... Marcelo já envolvido com o paradesporto, pensou no parabadminton”

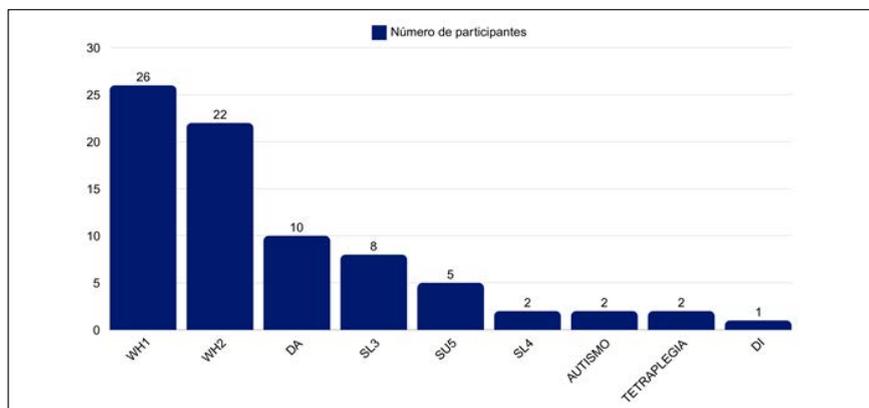
**Fonte:** autores

**Tabela 2:** fala dos professores em relação ao Parabadminton

P5	“o parabadminton veio justamente com o surgimento do badminton, o professor Marcelo Haiachi foi quem levou o primeiro kit... lembro que nenhum de nós conhecíamos nada a respeito. Marcelo, mais curioso, encontrou o material... pouco a pouco a gente foi buscando informação... assim isso foi avançando”
P6	“Eu conheci lá no DEF, a partir do momento em que o professor Marcelo Haiachi, começou a estimular a prática do badminton... foi onde eu vi as primeiras manifestações de pessoas aprendendo a jogar o badminton ... uma deficiente motora teve a oportunidade de ter acesso a essa prática”
P7	“foi iniciativa do Marcelo, com o PPdSE, que foi criado em meados de 2013, ele já tinha uma vivência no paradesporto, colocou também o parabadminton... ninguém era praticante... todos retornam para a UFS em busca de conhecimento de uma modalidade, até então desconhecida”
P8	“A gente sempre trabalhou com pessoas com deficiência, eu comecei em 2001... dessa forma, a gente nunca viu impedimento... a modalidade dentro do estado não existia... então resolvemos fazer a implementação do esporte no Estado buscando pessoas interessadas em fazer com que isso pudesse realmente acontecer...”

**Fonte:** autores

O gráfico abaixo confirma a necessidade cada vez maior de ter profissionais com algum conhecimento na área do esporte para PCD, inclusive evidenciando o envolvimento da UFS nesse processo com a criação do projeto de extensão no DEF.

**Gráfico 1:** Lista das classes funcionais do parabadminton no PPdSE.

**Fonte:** dados do PPdSE, 2021

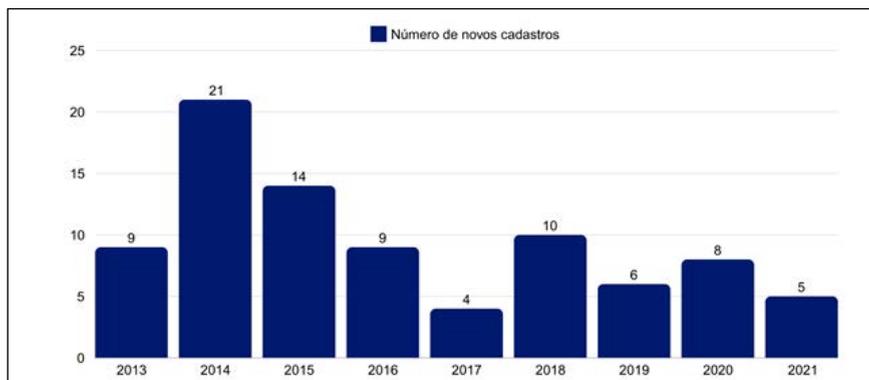
## Segundo Strapasson

A universidade enquanto agência de formação, além de produzir conhecimento tem ainda a responsabilidade de qualificar os recursos humanos envolvidos, tanto em cursos de formação inicial quanto continuada, o que é um desafio considerável para o sistema brasileiro de ensino superior (Strapasson, 2007, p. 7).

Nesse sentido, a formação inicial contínua objetiva adequar as características do indivíduo às características exigidas para o desempenho de determinada função, os professores se capacitam para um novo momento, uma nova modalidade, um novo público. Exemplo dessa evolução são os números expressivos de PCD filiados ao Parabadminton.

Apresentando um pico maior no início, quando a modalidade era considerada uma novidade e que essas pessoas chegavam ao ginásio com intenção de dar continuidade ao “tratamento” de reabilitação através da prática esportiva. Todavia, o intuito desse projeto, segundo P1, “foi trazer o maior número de PCD, para dentro da universidade” não apenas como pretexto para reabilitação, mas também para que eles se tornassem atletas de rendimento.

Esse movimento de queda demonstrado no gráfico 2 sobre o número de novos cadastros, acontece pelo simples fato de muitos desses deficientes terem concluído o ensino médio. Mas, ao observarem que essa modalidade poderia posibilitar a inserção desse público em competições pelo país e até mesmo fora dele, a quantidade de novos, agora atletas do Parabadminton, começa a crescer, mais perdurando ao longo desses oito anos. Essa quantidade pode ser observada no gráfico 2:

**Gráfico 2:** Novos cadastros de atletas no PPdSE.

**Fonte:** dados do PPdSE 2021.

O gráfico 2, mostra que mesmo com as oscilações do número de novos cadastros, ao longo de quase uma década, esse número só aumentou e vem cada vez mais afirmar o parabadminton no cenário esportivo da PCD, reforçando a importância de projetos de extensão que atendam à comunidade externa e que tenham também a possibilidade de envolver às PCD. Quando P1 e P8 enfatizam na sua fala que o paradesporto já era conhecido por eles e que não viam o porquê, desta nova modalidade não ser inserida no cenário esportivo sergipano.

A fundação da FSBd como relatado anteriormente foi decisiva para expandir o esporte por todo o Estado, através de “contato com secretarias” de esporte, “escolas”, clubes esportivos e, conseqüentemente, a universidade (UFS). É possível observar no percurso descrito pela tabela 3.

## PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

**Tabela 3:** percurso do Parabadminton em Sergipe.

P1	“não existe uma institucionalização esportiva no Estado... quem vai gerir todo o processo somos nós... capacitação de estagiários... trouxemos o melhor treinador do Brasil... e hoje temos o maior número de praticantes de parabadminton do sexo feminino, na categoria para cadeirantes e universitários”
P2	“a ideia de criar a federação... colocamos em prática... começamos a participar de campeonatos fora do nosso Estado... o DEF, através dos seus professores, se colocou à disposição para fortalecer e hoje somos um projeto com visibilidade para além da UFS. Hoje o paradesportivo de Sergipe, é uma referência no Brasil”
P3	“O nascedouro do movimento surgiu e teve oportunidade foi dentro da universidade federal. O primeiro pontapé!... permitiu que professores e alunos do curso de EF tivessem os primeiros contatos com o badminton e foram tomando gosto para isso”
P4	“eu me prontifiquei, à dar um suporte, uma ajuda, se eles necessitarem, para poder... a gente montar, estatuto, regimento interno, da federação... a gente não pode negar... que a instituição acabou nos dando esse apoio. A instituição, UFS, independente de quem estava lá, do reitor do pró-reitor”
P5	“estava na chefia do DEF, mas sempre estive à disposição para contribuir em algum momento... O Badminton não é o primeiro esporte que começa na universidade e tenho certeza de que não vai ser o último... então a gente entendeu o papel da universidade nesse processo. O Badminton é o filho mais recente da universidade”
P6	“isso aí se deve muito ao planejamento dos projetos que o reitor de uma universidade estabelece, para que isso se cumpra, na sua gestão, por exemplo: o acesso a todos, dentro da instituição. Isso também foi uma célula inicial para a melhoria, da qualidade de vida, principalmente das PCD”
P7	“O Parabadminton iniciou com atletas, com estrutura com psicólogo, fisioterapeuta, médico, todo mundo dando suporte para o desenvolvimento da modalidade... o PPdSE caminhou junto com o Badminton, isso foi uma facilidade, no crescimento foram os dois juntos... sempre andamos dessa forma e isso eu acredito que auxiliou muito”
P8	“a modalidade dentro do estado não existia... foi uma necessidade fundar a federação, para que houvesse uma organização e fazer realmente a implementação do esporte no Estado... o Parabadminton foi uma das modalidades que teve realmente um empenho para que desse certo”

**Fonte:** autores

Com a estruturação, o parabadminton tomaria, *a priori*, o rumo das escolas de maneira exponencial, essa era a intenção dos professores envolvidos. P2, P3 e P8, compactuam da ideia de P1, que só com a estruturação, através da federação, a modalidade conseguiria se desenvolver. Apesar de P4, P5 e P6 não se envolverem diretamente na construção

da estrutura esportiva desta modalidade, incentivaram suas ações ao apoiarem as iniciativas. Desse modo, acreditava-se que só assim, o esporte poderia alcançar outro patamar. Tudo isso, está de acordo com o que SUPER (1990) chama de grupo de pares, ou seja, pessoas que partilham do mesmo centro de interesses dentro do quadro ou prática profissional.

A partir da evolução do parabadminton, das capacitações dos professores surge um novo público, os deficientes. Por exemplo, em 2013 surge a primeira aluna com deficiência do curso de EF bacharelado, membro desse projeto de extensão que se capacita e cada vez mais se identifica com a modalidade.

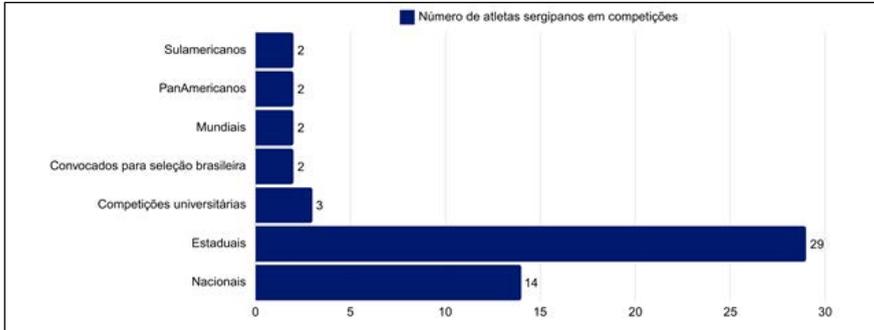
Nesse sentido, começa a fazer as capacitações ofertadas no cenário sergipano e nacional. Faz o primeiro curso de técnica de badminton, curso de iniciação ao parabadminton para crianças, jovens e adultos com deficiência, realizado em Brasília (2016), primeira PCD a fazer o curso de arbitra estadual de badminton em Sergipe em 2017; em 2019 a primeira PCD a fazer o curso nacional de formação de arbitragem de badminton e parabadminton. Assim, esse fato é inédito para o Estado e para o Brasil. Logo, temos a primeira PCD certificada e habilitada para trabalhar com o desporto e paradesporto em Sergipe.

Com a inserção da PCD no meio acadêmico e no esporte, agora competitivo e estruturado pela federação, clube e universidade surgem as primeiras competições estaduais, nacionais e internacionais. Exemplo dessa transformação das PCD, são os resultados expressivos de participações em competições observados no gráfico 3.

Esse gráfico 3 só tem a mostrar a importância de um conceito posto por Haiachi (2017) que trata do conceito de esporte enquanto evento. São, portanto, eventos que marcam e corroboram com a importância que teve e ainda hoje têm a estruturação do parabadminton em Sergipe.

PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

**Gráfico 3:** Número de sergipanos em competições de 2013 a 2020.



**Fonte:** dados do PPdSE 2021

No que se refere à renovação e desenvolvimento do Parabadminton a conquista de resultados positivos é fundamental. Por isso, ainda hoje os atletas, professores e a própria modalidade (Parabadminton) continuam em desenvolvimento conquistando resultados expressivos. Constata-se, portanto, que através dessas conquistas do paradesporto sergipano, obteve-se espaço no cenário nacional, jamais imaginado ou alcançado anteriormente, segundo P1. Exemplos dessas conquistas são demonstrados no gráfico 4:

**Gráfico 4:** Cargos relevantes no cenário nacional.



**Fonte:** autores.

A conquista de cargos expressivos, conforme demonstra o gráfico 4, com representatividade em lugares de destaque no parabadminton. O cenário nacional é resultado do desenvolvimento de um trabalho estruturado ao longo de oito (8) anos. Desse modo, buscaram informações que agreguem conhecimento sobre o parabadminton.

Além disso, fazer as entrevistas com os professores de EF, profissionais da FSBd, e do PPdSE, proporcionou entender que essas capacitações e estruturação surgem da necessidade de ter professores que trabalhassem em comum interesse e em grupo de pares. Enquanto o badminton inicia-se e firma-se nas escolas, o parabadminton firma-se como projeto na UFS, devido a estrutura oferecida aos alunos PCD e da propaganda feita sobre o projeto para o público geral.

Ademais, relacionar e analisar a história oral de cada professor entrevistado evidenciou-se a capacidade profissional de cada um na estruturação do Parabadminton. Isso fez com que gerasse confiança e credibilidade das PCD, que sempre buscaram lugares que os recebessem sem maiores obstáculos e que os tratassem como verdadeiros atletas. Acrescenta-se que, mostrar os momentos marcantes para a estruturação da modalidade, especialmente, na UFS é de suma importância, justamente para ressaltar o trabalho que colaborativo que é feito, com base na construção de uma equipe multiprofissional, equipamentos específicos e adaptados a necessidade dos usuários, apoio institucional, diálogo harmônico entre alunos, professores e PCD.

Portanto, essa nova modalidade chega com um novo atrativo, as competições. A quantidade de competições estaduais organizadas pela FSBd e o número de competições nacionais e internacionais que contam com a participação de sergipanos pode ser demonstrada conforme gráfico 5 abaixo:

## PARABADMINTON: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

Gráfico 5: Número de competições com participação de sergipanos do PPdSE.



Fonte: autores.

A estruturação de uma modalidade esportiva, seja olímpica ou paraolímpica não acontece sem a institucionalização, com a soma de itens importantes como: professores capacitados, uma federação atuante, alunos que desenvolvam esse trabalho junto com os clubes e apoio estrutural de universidades. Ressalta-se ainda, a importância de ter PCD fazendo parte desse grupo seletivo de professores, capacitados para trabalharem com atletas e paratletas entendendo e reproduzindo conteúdos que farão a diferença na vida esportiva e pessoal dos atletas.

Em síntese, a história do Parabadminton em Sergipe foi descrita através da história oral de professores de EF e da análise de documentos do PPdSE demonstrando a evolução através da estruturação da modalidade no Estado e na UFS. Tudo isso, se deu através da curiosidade de alguns professores em conhecer uma nova modalidade, da necessidade de capacitação de pessoas para trabalhar com o Badminton nos Jogos Escolares que estavam pela primeira vez no calendário de competições do Estado, da necessidade de institucionalização, de organizar e gerenciamento do parabadminton sergipano.

Além disso, a ausência de cursos de formação, de capacitação e informação sobre a modalidade influenciou, na fundação da FSBd, na

criação de cursos de formação de professores para trabalharem com parabadminton. Isso se deu através do PPdSE na UFS, para melhor estruturação e evolução da modalidade.

Dessa forma, para não ser esquecida a história que a oito (08) anos vem sendo contada por meio da história oral de pessoas com algum tipo de deficiência, professores na área de EF bacharelado da UFS. Também por meio de ações desenvolvidas por esse grupo específico de professores, interessados em conhecer algo novo procurou-se relatar e analisar informações que agreguem conhecimento sobre parabadminton. Legitimando cada vez mais a força e a importância do parabadminton em Sergipe, mais especificamente, na UFS. Observa-se com essa pesquisa a importância de surgir mais estudos sobre a modalidade que vem crescendo a cada ano.

## REFERÊNCIAS

*Badminton World Federation – BWF. Para-badminton players.* 2015. Disponível em: <<https://corporate.bwfbadminton.com/para-badminton/players/>>. Acessado em 19 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **About BWF.** 2018. Disponível em: <<https://corporate.bwfbadminton.com/about/>>. Acesso em 17 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **About BWF.** 2018. Disponível em: <<https://corporate.bwfbadminton.com/about/>>. Acesso em 17 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Membership.** 2019. Disponível em: <<https://corporate.bwfbadminton.com/about/membership/>>. Acesso em 17 dez. 2020.

CANÇÃO, J. **História do Badminton.** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/linhasfinas/historia-do-badminton>>. Acesso em 10 dez. 2020.

Confederação Brasileira de Badminton – CBBd. **1º Campeonato Nacional de ParaBadminton (Badminton Adaptado).** 2009. Disponível em: <[http://www.badminton.org.br/r02/pdfs/cartaconvite\\_nacionaladaptado.pdf](http://www.badminton.org.br/r02/pdfs/cartaconvite_nacionaladaptado.pdf)>. Acessado em: 20 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. 2010. **História do Badminton.** Disponível em: <<http://www.badminton.org.br/blog.php?filtro=hist%F3ria+do+badminton>>. Acesso em 10 dez. 2024.

\_\_\_\_\_. **Atletas Filiados.** 2020. Disponível em: <<http://www.badminton.org.br/atleta>>. Acessado em 19 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Visite a Federação.** 2024. Disponível em: Disponível em: <[http://www.badminton.org.br/mapa\\_federacao](http://www.badminton.org.br/mapa_federacao)>. Acessado em 07 dez. 2024.

CARDOSO, V.D. **A reabilitação de pessoas com deficiência através do esporte adaptado.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 2, p. 529-539, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n2/17.pdf> > Acesso em 12 dez. 2020.

*International Paralympic Committee – IPC.* **IPC define 16 primeiras modalidades para os Jogos Paraolímpicos de Tóquio 2020.** 2014. Disponível em: <<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/ipc-define-16-primeiras-modalidades-para-os-jogos-paraolimpicos-de-toquio-2020> .> Acessado: 13 dez. 2020.

OLIVEIRA, M.C.; GUIMARÃES, V.F.; COLETA, M.F.D. **Modelo desenvolvimentista de avaliação e orientação de carreira proposto por Donald Super.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, v. 7, n. 2, p. 11-18, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2030/203016895003.pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2021.

HAIACHI, M.C. Parabadminton confirmado para Tokyo 2020. Carnival Project UFRJ. Disponível em: <https://carnivalprojectufrj.wordpress.com/2014/10/08/parabadminton-confirmado-para-tokyo-2020>. Acesso em: 15 dez. 2020.

HAIACHI, M. C. **O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes.** (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Movimento Humano (PPGMH), UFRGS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/168821/001047890.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 10 dez. de 2020.

HAIACHI, M.C.; ZOBOLI, F. KUMAKURA, R.S.; OLIVEIRA, A.F.S. **O Projeto Para-desportivo de Sergipe e o Legado Social para as Pessoas com Deficiência.** Revista Brazilian Journal of Education, Technology and Society (BRAJETS). Universidade do Minho (Portugal), v. 11, n. 01, jan./mar., 2018. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/277417844.pdf> > Acesso em: 10 dez. 2020.

RIBEIRO, W.O.M. **Análise de desempenho em jogos de wheelchair para-badminton.**(Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PP-GEF), UFS, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11798/2/WENDEL\\_OLIVEIRA\\_MOTA\\_RIBEIRO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11798/2/WENDEL_OLIVEIRA_MOTA_RIBEIRO.pdf) >. Acessado em: 15 nov. 2020.

RIBEIRO, W.O.M. et al. **Características Físicas e Antropométricas de Atletas de Badminton Escolar em Sergipe.** In: Congresso Internacional de Atividade Física, Nutrição e Saúde. 2017. Disponível em: < [file:///C:/Users/gilda/Downloads/6564-24173-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gilda/Downloads/6564-24173-1-PB%20(1).pdf) >. Acessado em: 16 nov. 2020.

SOUZA, H.M. **Vida. Publicidade e Propaganda-Pedra Branca,** 2010. Disponível em: <[https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/1919/102751\\_Hele-na.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/1919/102751_Hele-na.pdf?sequence=1&isAllowed=y) >. Acesso em: 06 jun. 2021.

STRAPASSON, A.M.; CARNIEL, F. **A educação física na educação especial.** Revista Digital, Buenos Aires, ano, v. 11, 2007. Disponível em: <[http://www.educaadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/artigos/EdF\\_Ed\\_Especial.pdf](http://www.educaadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/EdF_Ed_Especial.pdf)>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

STRAPASSON, A.M.; DUARTE, E.; PEREIRA, L.S. **O parabadminton no Brasil: um esporte adaptado em ascensão.** Revista Da Associação Brasileira De Atividade Motora Adaptada, v. 16, n. 01, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/2674-8681.2015.v16n01.4966>>. Acessado em: 15 de nov. 2020.

SUPER, D.E. **The life span, life space approach to career development.** In: D. Brown & L. Brooks (Orgs.), Career choice and development, (2nd ed., pp.197-261). 1990. San Francisco: Jossey-Bass. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2030/203024746009.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

# CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO PARABADMINTON

Elenilton Correia de Souza

Marlucia Cruz Farias

Renan Wesley Santos do Rosario

Maria Vitória de Santana Nobre

## PERFIL DE DEFICIÊNCIA ELEGÍVEL



**E**m decorrência do nível de comprometimento motor a competição de Parabadminton é dividida em seis classes esportivas: Wheelchair (cadeirantes), Standing (andantes com comprometimento de membros inferiores e superiores), Short Stature (baixa estatura – acondroplasia)

e *Special Impairment* (comprometimento especial – deficiência intelectual, auditiva e les autres). Ainda nesse sentido, cada classe esportiva possui subdivisões que são estabelecidas de acordo com o grau de funcionalidade do atleta, o qual é avaliado por uma banca de classificação funcional, permitindo assim uma adequada identificação da limitação apresentada pelo atleta e, conseqüentemente, um melhor nivelamento das partidas.

Para subdivisão entre as classes esportivas do Parabadminton os atletas precisam apresentar os critérios mínimos de incapacidade para jogar dentro da modalidade correspondente ao grau de funcionalidade do atleta. Sendo assim, a classe *Wheelchair* (WH) os atletas podem ser divididos em dois grupos: WH1 (atletas que apresentam equilíbrio e balanço de tronco de moderado a fraco) e WH2 (equilíbrio de tronco normal). Na classe *Standing* (SL) os atletas são divididos em três grupos: SL3, SL4 e SU5. A classe *Short Stature* (SH) é destinada aos atletas que possuem um comprometimento físico relacionado à estatura, mais conhecido como acondroplasia (nanismo). Já para as deficiências que não possuem comprometimento físico, a classe *Special Impairment*, os atletas precisam apresentar algum comprometimento especial, que não seja físico (deficiência intelectual, deficiência auditiva, *les autres*, condutas típicas e múltiplas deficiências).

## CLASSES FUNCIONAIS PARABADMINTON

A competição pode ocorrer individualmente, em duplas ou em mista, na qual, respeitando os termos de igualdade, é dividido em classes. No total existem 6 categorias que são fragmentadas de acordo com o gênero e grau de dificuldade.

## CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO PARABADMINTON

Figura 2: classes funcionais esportivas no Parabadminton.



Fonte: Autores

De forma mais específica: A WH1 é uma classe para cadeirantes com maior comprometimento motor. Nesse viés, os jogadores pertencentes a esta classe, apresentam comprometimento nos membros inferiores e tronco, precisando assim de uma cadeira de rodas para jogar. A WH2 é uma classe para cadeirantes com menor comprometimento motor. Um jogador nesta classe pode ter comprometimento em um ou ambos os membros inferiores e comprometimento mínimo do tronco. A SL3 é uma categoria para pessoas que têm comprometimento em uma ou nas duas pernas, ou péssimo equilíbrio em caminhar. Nesta classe, o jogador deve jogar em pé. A SL4 é uma classe para pessoas com deficiência em membros inferiores, que possuam algum grau de comprometimento motor e de equilíbrio, sendo esse déficit menor em relação à categoria SL3. A SU5 é uma categoria para pessoas com deficiência nos membros superiores. A SH6 é uma classe para pessoas com baixa estatura, com isso nela se incluem pessoas que tenham nanismo.

O perfil funcional dos atletas está descrito de forma resumida na figura abaixo:

**Figura 3:** Perfil funcional do atleta de parabadminton

Fonte: CBBd.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o Parabadminton é uma grande conquista para o mundo do esporte, uma vez que possibilita a inclusão social dos Paratletas, além de promover ganhos significativos nas valências físicas, emocionais e intelectuais dos jogadores. Diante de seu caráter integrativo, isto é, acessível para todos os perfis de deficientes, é uma modalidade que promete inúmeros avanços nos campeonatos paraolímpicos, representando, desse modo, a paixão brasileira pelo esporte por todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

Confederação Brasileira de Badminton (CBBd). **Regulamento de Classificação Funcional: parabadminton e badminton adaptado**. Confederação Brasileira de Badminton, 2013. Disponível em: <<https://www.badminton.org.br/admin/upload/documentos/46460ee403.pdf>>. Acesso em: 06 fevereiro 2025.



## CONHECENDO AS REGRAS DO JOGO

Renisson Diego Guimarães Vieira  
Nathan Santos

### ORIENTAÇÕES GERAIS

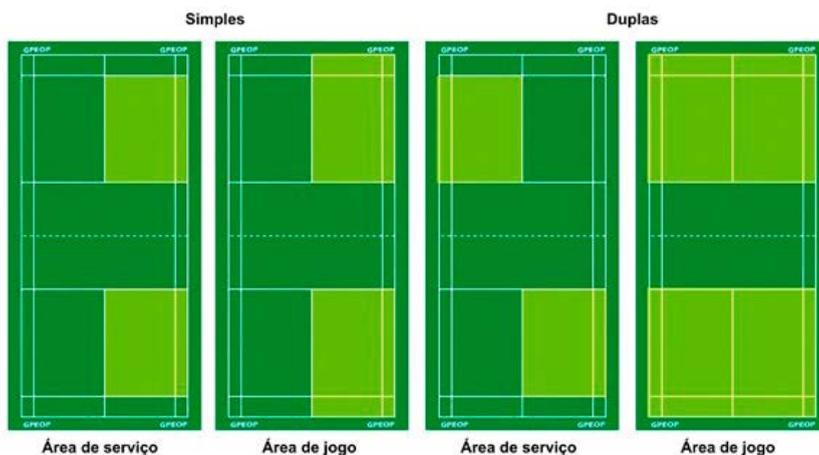
O parabadminton, modalidade adaptada do badminton para pessoas com deficiência física, é um esporte dinâmico que exige não apenas habilidade física, mas também uma compreensão aprofundada de suas regras. O conhecimento adequado dessas regras é essencial para que os praticantes possam aproveitar ao máximo a prática, garantir uma participação justa e segura, e desenvolver suas habilidades de forma eficaz. Além disso, compreender as normas do jogo possibilita ajustes necessários para que o parabadminton se torne acessível a todos, promovendo inclusão e permitindo que cada jogador participe plenamente. Este capítulo tem como objetivo apresentar as regras fundamentais do parabadminton e destacar a importância de seu domínio para que o esporte seja aproveitado em todo o seu potencial.

A quadra de badminton é retangular, com dimensões de 13,4 metros de comprimento por 6,1 metros de largura para partidas duplas, e 5,18 metros de largura para jogos individuais. A quadra é dividida ao meio por uma rede, que tem uma altura de 1,55 metros nas extremidades e 1,524 metros no centro, além disso ela é marcada com linhas específicas para as áreas de saque e as zonas de jogo, com diferentes áreas para partidas individuais e duplas. Essas demarcações ajudam a definir os limites de onde a peteca pode ser jogada durante as disputas.

A altura da rede apresentou em um primeiro momento uma variação de acordo com a classificação funcional dos atletas. Em virtude da unificação de classes a BWF decidiu utilizar, em caráter experimental,

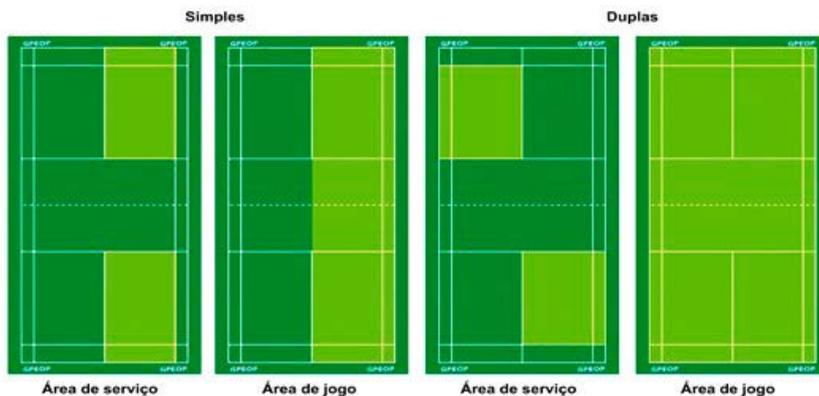
a mesma altura da rede do badminton convencional (1,524m no centro da quadra e 1,55m na linha lateral de duplas). A quadra apresenta as mesmas dimensões, sendo destacadas apenas algumas adaptações em relação à área de jogo e à área de serviço para algumas classes conforme as figuras abaixo.

**Figura 1:** Área de serviço e jogo para modalidade simples e duplas para as classes Wheelchair 1 e 2.



Fonte: Autores

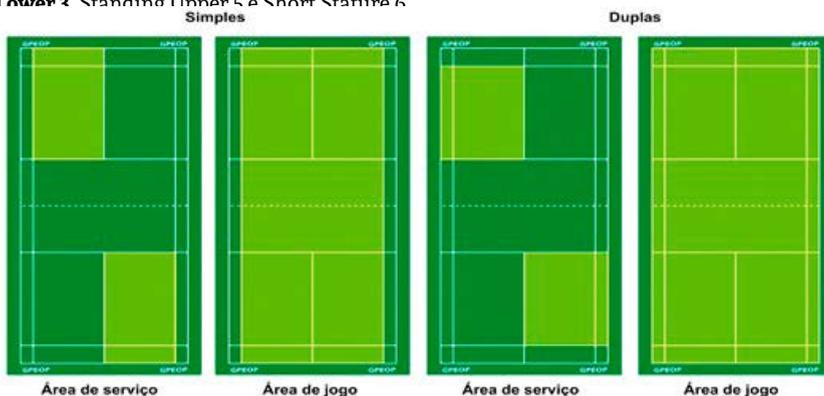
**Figura 2:** Área de serviço e jogo para modalidade simples e duplas para a classe Standing Lower 3.



Fonte: Autores

## CONHECENDO AS REGRAS DO JOGO

**Figura 3:** Área de serviço e jogo para modalidade simples e duplas para as classes Standing Inner 5 e Short Stature 6



**Fonte:** Autores

No Parabadminton o atleta que irá realizar o serviço e o recebedor deverão permanecer nos locais apropriados de acordo com a classe. No caso de atletas na cadeira de rodas, as rodas deverão estar estacionadas (paradas) no momento do serviço e da recepção. Durante o serviço a peteca inteira ficará abaixo da linha da cintura do servidor no instante que é golpeada pela raquete do servidor no caso dos andantes (1,15 metros para torneios com dispositivos específicos para isso) e das axilas para os usuários de cadeira de rodas.

Alguns pontos importantes:

Para usuários de cadeiras de rodas, classes WH1 e WH2:

- O corpo de um jogador pode ser fixado na cadeira de rodas com uma correia ao redor da cintura ou nas coxas, ou em ambos;

- Os pés de um jogador devem estar fixos no apoio para os pés da cadeira de rodas;
- Quando um jogador atinge a peteca, uma parte do tronco e das pernas deve estar em contato com o assento da cadeira de rodas;
- O assento da cadeira de rodas, incluindo qualquer acolchoamento, pode ser horizontal ou inclinado para trás. Não pode ser inclinado para a frente;
- A cadeira de rodas pode estar equipada com uma roda de suporte traseira, que pode se estender além das rodas principais;
- A cadeira de rodas não deve ter nenhum dispositivo elétrico ou outro para auxiliar o movimento ou a direção da cadeira.

Para os andantes, classes SL3, SL4 e SU5:

- Um amputado da perna superior ou inferior pode usar uma muleta, mas ela não deve exceder a medida natural dos jogadores da axila ao chão;
- Um jogador amputado pode usar um membro protético nas categorias SL3 e SL4, mas não é permitido na classe SU5;
- Qualquer membro protético deve ter o mesmo comprimento que o membro existente do jogador e estar em proporção com os outros membros do grupo.
- A classe SH6 segue o modelo do badminton convencional.
- Para formação das duplas no Parabadminton existem algumas peculiaridades e utiliza um somatório de pontos, segue abaixo um quadro explicativo:

## CONHECENDO AS REGRAS DO JOGO

**Tabela 4:** característica da formação de duplas

N	Evento	Classe Esportiva	Pontos	Combinações Permitidas	Não Permitidas
1	Dupla Masculina Dupla Feminina Dupla Mista	WH1 e WH2	Um máximo de 03 pontos	WH1 + WH2 (WH1 + WH1)	WH2 + WH2
2	Dupla Masculina	SL3 e SL4	Um máximo de 07 pontos	SL3 + SL4 (SL3 + SL3)	SL4 + SL4 SL3 + SU5 SL4 + SU5
3	Dupla Masculina	SU5	Sem limitação	SU5 + SU5 (ou outras combinações entre SL3, SL4 e SU5)	---
4	Dupla Feminina Dupla Mista	SL3 até SU5	Um máximo de 08 pontos	SL3 + SU5 SL4 + SL4 (SL3 + SL4 SL3 + SL3)	SL4 + SU5 SU5 + SU5

Fonte: autores

Mais algumas informações sobre a formação de duplas:

- Atletas das classes que utilizam cadeiras de rodas não podem jogar com andantes;
- Atletas das classes SL3 e SL4 podem formar dupla masculina com atletas da classe SU5, porém jogam com as dimensões de quadra da SU5;
- Atletas da categoria SH6 só podem jogar entre si, ou seja, não podem formar duplas nem jogar contra atletas de outras classes.

## EQUIPAMENTOS

Para a prática do badminton é necessária a utilização de alguns materiais e equipamentos que estão bem descritos no site da Confederação Brasileira de Badminton. Para uma melhor visualização acesse o <http://www.badminton.org.br/equipamentos>. Fazem parte dos equipamentos do badminton: a quadra, rede, peteca, raquete, tênis, coto-

veleiras, tornozeleiras, joelheiras, bolsas, cushion, grips, overgrips e óculos.

## ESPECIFICAÇÕES DA CADEIRA DE RODAS

A cadeira deverá ser dotada de certos requisitos (medidas), no intuito de garantir a segurança e igualdade na competição. Deverá ter 5 ou 6 rodas; duas rodas grandes localizadas na parte lateral da cadeira, duas rodas pequenas na parte da frente e duas ou uma na parte traseira. A regra permite que estas rodas posicionadas na parte traseira sirvam para evitar a queda dos atletas durante a partida proporcionando uma maior segurança ao jogador. Segue os modelos descritos acima.

**Figura 8:** modelos de cadeiras de rodas esportivas



**Fonte:** Haiachi (2013)

Os pneus traseiros deverão ter um diâmetro máximo de 0,66m e a roda deverá possuir um aro para o seu manejo (impulsão). A altura máxima do assento não pode exceder 0,53m do solo e o descanso para os pés não poderá ultrapassar os 0,11m do solo, com as rodas dianteiras em posição alinhada para movimento para frente. A parte de baixo do descanso para os pés deverá ser desenhada de tal maneira que proporcione pleno apoio e estabilidade ao atleta e não danifique a superfície da quadra.

O jogador deve usar uma almofada de material flexível sobre o assento da cadeira onde a mesma deverá ser da mesma largura e compri-

mento do assento da cadeira e não pode exceder 0,10m de espessura, exceto para os jogadores das classes mais altas onde a espessura máxima permitida é de 0,05m. Os jogadores são obrigados a usar cintas e suportes que segurem seus corpos na cadeira e cintas para manter seus membros inferiores juntos.

É permitida a utilização de órteses e próteses para os atletas que podem jogar em pé. Não são permitidos pneus pretos, mecanismos de direção, freios ou mecanismos de acionamento na cadeira. Antes do início da partida, o árbitro fará a vistoria em todas as cadeiras para verificar se estão de acordo com os requisitos do jogo.

A cadeira de rodas é considerada parte do jogador, sendo permitido ao mesmo sair da quadra durante o jogo para reparar avarias nas rodas, desde que seja feito o mais rápido possível. Durante os golpes, o tronco/quadril deve estar em contato com o acento da cadeira de rodas e os pés devem permanecer em contato com apoio da cadeira de rodas o tempo todo. Não será permitido, em nenhuma circunstância, tocar com os pés no solo.

## REFERÊNCIAS

BADMINTON WORLD FEDERATION. **Statutes**. Disponível em: <https://corporate.bwfbadminton.com/statutes/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BADMINTON. **Regulamento Parabadminton 2023**. Disponível em: [https://www.badminton.org.br/regulamento\\_parabadminton?ano=2023](https://www.badminton.org.br/regulamento_parabadminton?ano=2023). Acesso em: 13 fev. 2025.

HAIACHI, M. C. (Organizador). **Guia de Orientação sobre Parabadminton**. Araçaju: Federação Sergipana de Badminton, 2013.

REGULAMENTO TÉCNICO. **Parabadminton & Badminton Adaptado CBBd Confederação Brasileira de Badminton Resumo Regulamento técnico que rege o Parabadminton no Brasil**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.badminton.org.br/admin/upload/documentos/1ba5152f9a.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2025.



# IMPORTÂNCIA DAS CADEIRAS ESPORTIVAS

Augusto César Alves dos Santos

Tamires Nunes dos Santos

Arthur Emanuel Azevedo Silva

Marcos Lima Barbosa

Marcelo de Castro Haiachi

## INTRODUÇÃO

O formato dos esportes paraolímpicos praticados atualmente por Pessoas com Deficiência (PcD), têm o seu início após a II Guerra Mundial no ano de 1945, por causa da guerra muitos combatentes tiveram diversos traumas físicos, impossibilitando naquela época seu retorno ao convívio social por inúmeras questões, como a perda de autonomia, traumas psicológicos e traumas pós guerra por exemplo, diante desse contexto que o Dr. Guttmann, iniciou um trabalho pioneiro, que visava usar o esporte como ferramenta de reabilitação, assim surgiu os primeiros passos do movimento paralímpico. O esporte paraolímpico agrega muitos esportes adaptados para as funcionalidades dos PcDs, mantendo ao máximo às regras já estabelecidas para cada modalidade.

No Brasil, o esporte paraolímpico teve grande visibilidade com basquete em cadeira de rodas, o que motivou o surgimento de clubes especializados em esportes para PcDs de limitação física. O enfoque no esporte surge como uma ferramenta dentro dos centros de reabilitação, para aguçar os usuários do serviço com diversos estímulos, além das técnicas terapêuticas usuais, era implementado o esporte que impulsionava muitos ao esporte competitivo em um terceiro momento. Araújo (1997) afirma que “As modalidades vão de acordo com as potencialida-

des remanescentes de cada indivíduo, possibilitando o rendimento seguro e desejado dentro de suas reais condições”.

São inúmeras mudanças ao longo do tempo, desde os primeiros jogos realizados em *Stoke Mandeville* após a segunda guerra mundial, vindas de aprimoramentos técnicos, regras e avanços tecnológicos. Atualmente é por meio do desenvolvimento tecnológico que se passa grande parte das mudanças, entre elas a importância da utilização da tecnologia assistiva (TA), que se mostrou uma área muito rica dentro do esporte paraolímpico. Deve ser entendido que esta já é usada em todo histórico do esporte paraolímpico ou do PcDs, seja por prótese, cadeiras de rodas, material inclusivo, entre outros. Mas seu destaque de evolução está sendo lento.

A TA vem a impulsionar inúmeras modalidades a novos patamares de competição, Chesan (2016) destaca que a TA é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços. É preciso entender que no Brasil, a TA é uma área de conhecimento relativamente nova. As pesquisas enfatizam a necessidade do envolvimento de profissionais especializados em diferentes áreas do conhecimento, para o trabalho com PcDs.

A prática desse conhecimento é observada em todas as modalidades dentro da sociedade e no esporte não é diferente, porém em alguns esportes se destaca o desenvolvimento de materiais esportivos como no atletismo, tênis de cadeira de rodas, esgrima, *rugby* em cadeiras de rodas, basquete em cadeira de rodas e parabadminton, e menor é o quantitativo de esportes que já tem estudos relacionados com esse desenvolvimento.

Diante disso, o capítulo irá apresentar por meio de uma revisão de escopo dos estudos nacionais, as modificações ocorridas em cadeiras de rodas esportivas, e identificar nesses estudos, aqueles que avaliaram melhoras do rendimento esportivo.

## CARACTERÍSTICAS DAS CADEIRAS RODAS PARA PCDS

É preciso entender que equidade é um fundamento importante dentro da sociedade e no meio esportivo, que a busca para minimizar as limitações que são impostas diante de tantas demandas, passam por inúmeras estratégias, seja por leis ou até assistência tecnológica. A TA como um instrumento de grande importância e de amplo uso, se apresenta cada vez mais essencial para o dia a dia das PcDs.

Se afunilar para as cadeiras de rodas, grande parte da sociedade vai pensar que é uma TA que apenas serve para locomoção passiva de seus usuários, que qualquer cadeira já serve para as demandas daquele indivíduo que precisa usá-la, essa visão é compreensível pela falta de conhecimento da grande maioria, mas atualmente não é mais aceitável dentro do meio esportivo, pois é perceptível que as PcDs vestem essas TA transformando elas em parte essencial para sua prática esportiva, tanto de recreação quanto de alto rendimento.

Scherer (2000) complementa ao afirmar que a TA inclui uma ampla gama de produtos, como cadeiras de rodas, talas, elevadores, vans modificadas, computadores de entrada de voz, sistemas de controle ambiental e dispositivos de estimulação elétrica funcional. A TA tem sido usada por pessoas com deficiências para a conquista da independência, facilitar o retorno e auxiliar na reabilitação durante o processo de adaptação ao novo contexto corporal quando a deficiência é adquirida.

É preciso entender que a PcD irá depender da TA por toda sua vida para ter equidade, em muitos casos a cadeira de rodas é um dos inúmeros dispositivos utilizados, para se envolver nas atividades de vida diária ou esportiva. As cadeiras de rodas auxiliam na melhora da função, na reconquista da independência, isso abre a possibilidade da independência do cotidiano, além de dar ao usuário autonomia para viver com sucesso nos diversos ambientes do convívio social.

As inúmeras dificuldades do uso da cadeira, como por exemplo, a falta de adaptabilidade da cadeira de rodas para alguns ambientes,

dificulta a participação da PcD nos âmbitos sociais, somadas ao desconforto que causa, reforçando o impacto negativo de inúmeras experiências no uso da TA. De acordo com esse contexto deve-se combinar a TA e a interação ambiental para possibilitar a devida participação do PcD.

Com o surgimento da necessidade dos avanços da reabilitação física, que como resultado se desenvolveu os aprimoramentos técnicos do desenho, da construção e ainda de melhores materiais na construção das cadeiras de rodas. Contudo, Bertoncello (2002) continua a afirmar que ainda prevalece o caráter obsoleto e estigmatizante na maioria desses produtos disponíveis no mercado. Este caráter manifesta a falta de atenção às necessidades físicas e psicológicas do usuário e causa entraves no seu uso.

Uma prótese ou uma cadeira de rodas não deveria ter o aspecto de um objeto estigmatizante, mas deveria ressaltar as possibilidades do usuário. Já a suposta pobreza dos recursos econômicos e tecnológicos não justifica desenhos deficientes, ao contrário, exige maior criatividade projetual. Devemos entender que as cadeiras de rodas são utilizadas para melhorar a função, a independência, e capacitar uma pessoa para viver em casa e na comunidade.

## TIPOS DE CADEIRAS DE RODAS

Com dinâmicas entre usuário e cadeira, será que existe alguma limitação para uso de cadeira A ou B? A resposta é sim após a utilização dos tipos de equipamento vai depender do grau de lesão do indivíduo, que irá direcioná-lo para uma cadeira mais ou menos automatizada, e entender que a cadeira de rodas é um instrumento de impacto direto no sucesso de um programa educacional (ao possibilitar a locomoção até a instituição, ao necessitar que os ambientes sejam adaptados para usuários desse equipamento) ou de reabilitação (através do ganho de autonomia).

A sua interação entre as abordagens de intervenção pode ser tão interligada que a cadeira de rodas não pode ser implementada com competência de forma isolada. Roger (1996) ainda pontua que outros fatores como o clima ao ar livre, além do cansaço do indivíduo, ou recuperação natural de uma condição médica pode ter um grande impacto no uso momentâneo dessa TA.

Diante desse contexto Lianza (1994), pontua que as cadeiras de rodas se dividem em quatro grandes grupos: cadeiras de rodas de armação rígida, para uso somente em interiores e em casos excepcionais, hoje em dia, elas são muito pouco usadas; cadeiras de rodas dobráveis, para uso interno e externo e com propulsão manual; cadeiras de rodas motorizadas, para uso de tetraplégicos com ampla paralisia dos membros superiores; cadeiras de rodas para uso em esportes, feitas com material ultraleve e submetidas a desenho aerodinâmico.

Bertoncello (2002) continua descrevendo as cadeiras de rodas para uso em esporte (também chamado de cadeiras de rodas especiais) como grupo à parte, pois há grande envolvimento tecnológico, embora apresentem características manuais. As cadeiras apresentam elementos especiais, como o alumínio aeronáutico, contudo a maioria delas continua exibindo pneus rígidos, já que estes deslizam melhor em quadras. Além disso, são utilizadas em situações particulares de esporte e lazer, normalmente como um segundo modelo do usuário.

## **TECNOLOGIAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO**

Cardoso et al (2018) afirma que as equipes paralímpicas como no caso da britânica de atletismo já utilizam cadeiras fabricadas pela empresa BAE Systems. Ele continua e pontua que nos laboratórios, na Inglaterra, as cadeiras são testadas em um túnel de vento que também é usado para testar aviões-caça Typhoon da Força Aérea Real Britânica. E suas coletas de dados estão sendo usados para rever a eficiência aerodi-

nâmica da posição sentada dos atletas, na busca de entender a melhor posição nas diferentes situações da corrida.

Cardoso et al (2018) ressalta que no basquete em cadeiras de rodas já se tem avanços na confecção das cadeiras, ele dá ênfase nos assentos das cadeiras de rodas que estão cada vez mais voltados para ampliar o conforto, somado a diminuição do risco de lesões nos atletas. A exemplo destaca-se a equipe britânica de basquete em cadeira de rodas, que tem seus assentos produzidos pela montadora BMW, que visa reduzir a pressão desigual dentro do banco, proporcionando ao atleta maior velocidade e agilidade na prática esportiva.

Paciorek e Jones (2001) avaliaram atletas do atletismo paraolímpico, observaram que nas modalidades que utilizava a cadeira de rodas, atletas com melhores cadeiras tiveram melhores resultados, isso mostra que o resultado pode ter sido em função do avanço da tecnologia nas cadeiras de roda. Leister Filho (2016) completou ao destacar que o crescimento do esporte paraolímpico tem incentivado as empresas cada vez mais a contribuir com o desenvolvimento tecnológico. Como no caso da Bayerische Motoren Werke (BMW), a BMW, que é uma das grandes montadoras multinacionais de automóveis, está a serviço da melhora da performance esportiva paraolímpica.

A poucas informações em relação ao esporte e utilização da TA dentro do movimento esporte paraolímpico, ainda se pensa em adaptar o atleta ao material que está disponível para seu uso, visão essa que não é compartilhada por modalidades convencionais, pois já é de conhecimento geral que a ergonomia é de extrema importância para não causar lesão no atleta, além de se entender que um maior conforto e uma melhor qualidade de vestimenta como sapatos por exemplo, auxilia em ganho de rendimento, Então porque no esporte paraolímpico, sendo mais específico em modalidades com cadeiras de rodas, os atletas que são adaptados ao material que será usado?

## ESTADO DA ARTE

Foi realizado o protocolo com base no estudo Oliveira et al (2019) para realização de uma busca nas principais bases de dados eletrônicas (PubMed, SPORTDiscus, Periódicos capes, SCIELO, doaj e GOOGLE acadêmico) e lista de referências dos artigos identificados. As referências que preencheram os critérios de inclusão foram avaliadas, independentemente do periódico. A seleção dos descritores utilizados no processo de revisão foi efetuada mediante consulta ao DECs (descritores de assunto em ciências da saúde da BIREME).

Nas buscas, os seguintes descritores, em língua portuguesa e inglesa, foram considerados: “*Wheelchair and improvement or (sports)*”, “Cadeira esportivas”, “esporte adaptado e ergonomia”, “evolução da cadeira esporte adaptado”, “Cadeiras esportivas no esporte individual”, “Cadeiras esportivas no esporte adaptado”, “cadeira no parabadminton”, foram utilizados para localização de manuscritos, contendo resultados de pesquisas com amostras nacionais. Recorreu-se aos operadores lógicos “AND”, “OR” e “AND NOT” para combinação dos descritores e termos utilizados para rastreamento das publicações, a busca foi realizada dessa forma para o entendimento do contexto atual do âmbito nacional em relação TA no esporte e sua utilização para melhoramento e confecção de novos equipamentos.

Dessa forma foi usado de base o protocolo PRISMA (MOHER, 2015) para avaliar os seguintes itens Introdução - Objetivo; Métodos - Protocolo; Métodos - Avaliação de risco de viés nos estudos incluídos, Avaliação de risco de viés entre os estudos; Discussão; Financiamentos, que ajudaram na avaliação de busca e através dos procedimentos de busca, foram identificados, inicialmente, 69.728 publicações potencialmente elegíveis para inclusão nesta revisão.

Em seguida, identificaram-se os artigos que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: (a) esportes com cadeiras de rodas; (b) adaptação em cadeiras; (c) coleta de dados realizada no Brasil; (d) confecção de

cadeiras específicas; (e) publicação até novembro de 2020. Após a primeira análise, com avaliação dos títulos, (Cadeira esportivas - 20.900; esporte adaptado e ergonomia -5.320; evolução da cadeira no esporte adaptado - 15.000; Cadeiras esportivas no esporte individual- 16.948; Cadeiras esportivas no esporte adaptado - 11.600) que foram considerados elegíveis para a segunda fase desta revisão, que consistiu da leitura dos resumos.

Após avaliação dos resumos, os estudos que preencheram os critérios de inclusão foram lidos na íntegra. Ao final, sete estudos atenderam a todos os critérios de inclusão.

Na avaliação dos artigos, foram observados os seguintes aspectos:

- amostra (se eram atletas de alguma prática esportiva que utiliza a cadeira de rodas);
- instrumentos (informações sobre validade e testagem prévia);
- aspectos éticos (menção a aprovação no comitê de ética, anonimato e termo de consentimento livre e esclarecido);
- periódico no qual o artigo foi publicado (classificados conforme o critério Qualis proposto pela CAPES).

## RESULTADOS

Iremos aqui abordar resultados obtidos nos sete estudos selecionados que abrange a prática esportiva do basquete, rúgbi, corrida em cadeira de rodas e banco de arremesso/lançamento. Na tabela 1, estão apresentados os trabalhos classificados pelo nome do primeiro autor, ano, objetivo do trabalho, se era uma avaliação de itens já existentes ou a confecção da cadeira, local onde o estudo foi realizado e por fim o tipo de estudo.

Augusto César Alves dos Santos; Tamires Nunes dos Santos;  
Arthur Emanuel Azevedo Silva; Marcos Lima Barbosa; Marcelo de Castro Haiach

**Tabela 5:** sete estudos selecionados para compor a análise de inovação tecnológica.

Primeiro autor	Ano	Objetivo	Cidade	Tipo de estudo
OLIVEIRA, SFM	2019	Av	PERNAMBUCO	Artigo Original
FREIRE, GM	2018	C	SÃO PAULO	Tese de Doutorado
CARDOSO, LS	2015	C	UBERLÂNDIA	Dissertação de Mestrado
DONEGA, TJ	2015	C	UBERLÂNDIA	Dissertação de Mestrado
MEDOLA, FO	2014	Av	GRAMADO	Artigo
CASTRO, NHS	2012	Av	SANTOS	Dissertação de Mestrado
BITTELBRUNN, CC	2007	C	CURITIBA	Dissertação de Mestrado

**Fonte:** autores. **Legenda:** confecção(c)/ avaliação (av).

Dentro desses sete estudos iremos dividir em análise parcial da cadeira e análise completa, fazendo uma comparação entre a cadeira esportiva de uso individual do atleta e cadeira tida como padrão para o uso diário. Na a análise parcial encontram três estudos que fizeram análise do rolamento, pneus (que afetam inércia rotacional - IR) e aros observado que em relação às avaliações da IR foi realizado em cadeiras de vidas diárias, mas foi incluído no presente manuscrito por serem de alta relevância na dinâmica de impulsão e na redução de danos lesivos ao atleta.

## ROLAMENTOS

No estudo realizado por Oliveira (2019) identificou-se que por meio do teste de velocidade de 20 metros, a associação negativa significativa com a Rolamento ( $p < 0,001$ ), a relação é inversa entre o, o tempo de sprint e a potência de propulsão. Através de ajustes realizados nas equações foi possível encontrar uma relação de 60% do tempo alcançado do sprint e cerca de 93%, da potência atingida em um teste de velocidade de 20 metros relacionado com R\_ROL.

Oliveira (2019) no seu estudo, percebemos a importância da economia que rolamento pode proporcionar ao atleta de cadeiras de ro-

das, e a influência na biomecânica dentro do padrão de movimento nos ciclos propulsão/recuperação. O autor ressalta que dentro da prática esportiva, o atleta conseguiria realizar mais sprints dentro de jogo, logo aumentando sua eficiência em quadra no requisito de movimentação. Nesse estudo vale ressaltar que outras variáveis podem influenciar positivamente ou negativamente o desempenho da cadeira de rodas e que o rolamento teve dependência de 60% com tempo e 92% para potência na amostra estudada.

### **INÉRCIA ROTACIONAL (IR) DA CADEIRA DE RODAS**

Medola (2014) investigou a relação entre IR nas cadeiras e como isso poderia afetar seu uso, a análise foi realizada com diferentes cargas sendo distribuídas em pontos específicos da cadeira de roda de vida diária. Assim demonstrou que o acréscimo de 0,25 kg no eixo de cada roda traseira resultou em maior aumento da IR (5,9%) do que o acréscimo de 5,5 kg (2,36%) no centro do assento.

Medola (2014) completa seus resultados com a mudança da cadeira de roda modificando a posição das rodas do eixo traseiro e os pneus, observou que IR era afetado porque a massa mudava sua forma de distribuição. Ele por fim considerou ambas as situações, o menor valor de IR foi encontrado com a configuração que combinou a posição anteriorizada do eixo das rodas traseiras e os pneus a ar / rodas multi-raios ( $1,073 \text{ kgm}^2$ ). Medola (2014), ainda afirma que a combinação entre posição posteriorizada do eixo das rodas traseiras e pneus maciços / rodas de raio largo apresentou a maior IR, 11% maior em relação à configuração de menor IR.

Medola (2014) ao analisar a interferência do eixo e o pneu em cadeiras de rodas de vida diárias, e a relação na locomoção e dirigibilidade da cadeira de rodas. Foi realizado em cadeira de rodas manuais, o estudo aponta a interferência direta da inércia de rotação na dirigibilidade, em especial na movimentação do próprio eixo e a locomoção em

trajetórias em curvas e de caráter misto. Se destacam os movimentos curvilíneos, que depende diretamente da massa total da cadeira que dificulta a quebra da inércia, que ancora cadeira impedindo um movimento fluido no início de seu movimento no próprio eixo. Porém, o estudo não mostra a extensão da com qual a mobilidade é afetada.

## **ANÁLISE DA CADEIRA DE VIDA DIÁRIA E ESPORTIVA**

Na análise realizada por Castro et al (2012), foi observado que nos testes de força de propulsão, que na cadeira convencional teve 5% a mais de solicitação no grupo I com 18 atletas e no grupo II com 8 atletas a solicitação de força na cadeira convencional chegou aos 11,89% de força. Porém durante a fase de teste de velocidade (teste de sprint de 20 m), os atletas se mostraram mais eficientes na cadeira esportiva realizando o teste em menor tempo. Castro et al (2012) estudaram também a incidência do ângulo do cotovelo em relação ao teste de velocidade, e concluiu que não tem relevância da angulação de 106,17°; 115,83°; 138,88° e 135,88° aplicada no deslocamento dos atletas.

A comparação entre as cadeiras realizadas no estudo Castro et al (2012), deixa claro que a adaptação ao implemento usado é importante. Mostra a boa/ótima relação que os atletas têm que ter com suas cadeiras, elas têm que vestir bem o atleta para que seu rendimento possa atingir bons índices seja de velocidade, agilidade e ou equilíbrio, no estudo vemos análise sobre a velocidade e sua importância.

Podemos destacar que a também o perigo da falta de adaptação, que causa uso excessivo de força, isso pode parecer benéfico pela rápida mobilização de fibras feitas pelos atletas durante os testes, porém analisando de forma menos superficial esse recrutamento imediato pode ter ocorrido pela falta de costume dos atletas em relação à cadeira que foi apresentada a eles. E nos testes de velocidade fica claro a diferença entre ambas as cadeiras, por conta da melhor performance tida pelos atletas nas cadeiras esportivas, os autores destacaram

que isso pode ter ocorrido pela familiarização que os participantes tinham com a cadeira de jogo.

Castro et al (2012) concorda com a produção da cadeira de rodas individual para a prática esportiva dos atletas, por proporcionar menor esforço ao atleta por causa da adaptação que ele terá com esse material, adequar a cadeira aos padrões físicos do seu usuário possibilitando o melhor uso funcional, e assim impedindo uso de força excessiva ou ativação indesejada de musculaturas que não deveriam participar na realização do movimento solicitado naquele momento.

### **CONFECÇÃO DE PROJETOS DE CADEIRAS DE AMPLO**

Cardoso (2015) buscou em seu estudo realizar o desenvolvimento do protótipo que possibilitasse a confecção de cadeiras esportivas através da avaliação realizada pelas medidas antropométricas do atleta, e aperfeiçoando ergonomicamente a cadeira as demandas solicitadas pelo corpo do usuário. Donega (2015) afinilou o projeto, propôs a fabricação de um projeto voltado para confecção da cadeira esportiva de corredores. Devemos ressaltar que os estudos sobre ambos foram realizados, porém não tiveram cadeiras fabricadas usando essas tecnologias para auxiliar na construção, que tem como objetivo reduzir a objetividade inerente à fabricação das cadeiras atualmente.

Bittelbrunn (2007), já visa a importância de um implemento, ele realizou a confecção de um projeto onde obteve de forma subjetiva informações da redução de dores, com desenvolvimento do banco de arremesso e lançamento, foi possível elaborar um projeto que proporcionasse conforto, aconchego e segurança, dessa forma os atletas tivessem melhora no seu desempenho e evolução esportiva, reduzindo incômodos causados pelo banco na época padronizado.

Freire (2018) vem atestar as análises objetivas feitas por Bittelbrunn em 2007, de forma quantitativa. Ele produziu um banco específico para as categorias F54 a F57, foram quatro participantes divididos

entre as categorias, levando em consideração todas as demandas dos atletas de cada categoria, realizou um mapeamento de dor e de desempenho no ano de 2015, durante o ano de 2017 (primeiro semestre) entregou o primeiro banco, nele os atletas tiveram uma evolução em relação à distância dos lançamentos e no arremesso do peso, além de manter uma consistência entre as repetições dos testes de prova.

No segundo semestre de 2017 foram realizados ajustes pertinentes, a melhora desse banco para o primeiro foi pequena, a consistência dos atletas se manteve melhor ou próxima a anterior. E o que chamou atenção foi à mudança do foco da dor, que antes chegava a ser bilateral em três dos quatro atletas e em mais de dois segmentos musculares, que não faziam parte do conjunto que era solicitado dentro da modalidade.

Nos quatro últimos os estudos preconizam a fabricação de uma cadeira de rodas, o primeiro projeta uma cadeira que possa ser usada na prática de esportes de quadra e os demais para prática de esportes de campo ou rua. O estudo de Cardoso (2015) busca em seu projeto realizar a avaliação, e adequar ergonomicamente às medidas dos atletas nas cadeiras esportivas, neste trabalho é ressaltado as lesões que podem ser evitadas com cadeiras específicas para cada atleta, ele propõe ajuste que podem aumentar a liberdade do usuário na cadeira de rodas esportiva.

No seu trabalho ele quer abranger o maior número de deficiências por esse motivo Cardoso (2015) divide a cadeira em módulos, em contrapartida não é possível analisar o desempenho ganho depois da confecção da cadeira, pois o mesmo só teve a fabricação da cadeira teste e ainda precisa ser usado em indivíduos treinados para a percepção dos ganhos com essa cadeira de ergométrica, o projeto tem como foco a ergonomia das cadeiras já existente se colocando como uma solução para os projetos atuais.

Seguindo a linha de pesquisa de Cardoso (2015), Donega (2015) projeta uma cadeira para avaliação de corredores de ruas, com o mesmo intuito, melhorar o desempenho dos atletas através da melhora da cadeira de rodas, com a adequação da cadeira esportiva aos praticantes

da modalidade, que sejam ajustadas a deficiência do público em questão, no estudo ele leva em consideração todos os possíveis parâmetros da cadeira, com preocupação na ergonomia e máximo de respeito às demandas funcionais, Donega (2015) nesse trabalho assim como Cardoso (2015) pontuam que essas adaptações são essenciais para melhora do desempenho e maior saúde dos atletas.

Donega (2015) busca avaliar com esse projeto todas as deficiências que usam a cadeira para corrida, por esse motivo fez a cadeira com adaptações para cada corpo que fosse testado, mas não se tem a avaliação que a cadeira se propõe, o autor não conseguiu realizar os testes com atletas, mas deixa clara a necessidade da retirada da subjetividade em relação à confecção das cadeiras de corrida atual.

Já os estudos feitos por Freire (2018) e Bittelbrunn (2007) mostram o quanto é afetado o desempenho dos atletas, pois em ambos os projetos foram confeccionados bancos de lançamento capazes de atender os atletas locais, isso facilitou a prática deles, melhorou seu desempenho, aumentou a consistência de suas repetições e melhorou a distância dos lançamentos e arremesso, e o mais importante à relação de dor foi mudada. Muitos atletas em ambos os estudos relataram ter dores bilaterais, isso mostra que musculaturas fora do desenvolvimento biomecânico da modalidade estavam sendo solicitadas.

Por esse motivo Bittelbrunn (2007) usou diversos parâmetros para a produção do banco de arremesso, como por exemplo, a profundidade do banco ou a possibilidade de mudança do apoio dos pés, em todas essas modificações ele analisou as implicações que essas mudanças irão trazer ao atleta durante a execução da atividade, outra questão importante levantada por Bittelbrunn (2007) é o trabalho multidisciplinar. Aqui em Bittelbrunn (2007) para cada mudança realizada se teve discussões com atleta, técnico, fisioterapeuta, designer, ortopedista e engenheiro de produtos.

Com essas discussões o Bittelbrunn (2007) envolve diversas visões que contribuíram positivamente para a implementação de modifica-

ções no banco, além disso, depois do uso dos novos bancos a dor foi reduzida e ficou só nos segmentos musculares exigidos pela prática esportiva e a constância da dor foi reduzida também. Como resultado disso, ele começou a avaliar a real necessidade da mudança e o conhecimento sobre o tema de todos os envolvidos.

Freire (2018) faz um comparação de antes e depois dos bancos que se tinham e os que foram modificados, no primeiro momento foi coletada a capacidade atual do arremesso dos atletas, feito uma anamnese para conhecer os atletas e a técnica aplicada para desenvolver o arremesso ou lançamento, com esses dados Freire (2018) descobriu a influência negativa que o banco atual estava causando no corpo dos atletas, como ativação global da musculatura em alguns casos em outros uma dor acentuada que se mantinha por várias horas após os treinos.

Freire (2018) entendeu que precisaria fazer bancos para cada um dos atletas atendo assim suas dimensões corporais e limitações físicas, cada banco foi feito sobre medida junto a demandas dos atletas e observações do autor, sendo mudado a largura do assento, a quantidade de amarra e até a plataforma que os atletas iriam pôr o pé, acrescentando para alguns casos um apoio lateral para ajudar no desenvolvimento do arremesso/lançamento.

Freire (2018) no segundo momento realizou uma nova coleta com um pré banco, aqui ele deu ênfase na cinesiologia da técnica aplicada pelos atletas e nas possíveis adequações que poderiam ser, e foram solicitadas pelos atletas, no entanto já se tinha mudanças bem concretas em relação ao novo banco, as dores relatadas pelos atletas mudaram, oferece assim maior resistência e como consequência se manteve uma média arremesso positiva sem grandes perdas em distância, coisa que no banco antigo era negativo, durante as repetições a média ficava negativa muito distante dos dois primeiros arremessos.

A técnica também melhorou com novo banco o estudo não mostra o motivo dessa melhora, evidencia um forte indício que seja pela liberdade e conforto adquirido com o novo implemento, com evolução

da técnica as marcas aumentam, no caso de muitos atletas o arremesso melhorou após a segunda tentativa e em outros desde o primeiro arremesso a uma melhora que se mantém durante as repetições.

Na fase final, com o banco ajustado e corrigido através do feedback feito com os atletas, as dores que se tinha por causa das ativações de musculaturas extras tiveram grande diminuição como relatado pelos atletas, a duração da dor após o treino diminui sua duração ao decorrer da semana, acrescentado a esse parâmetro temos a melhorias da técnica reduzindo erros e movimentos excessivos que eram realizados posteriormente antes do novo banco.

Todas essas melhorias foram refletidas em desempenho, com isso, foi observado um aumento nas marcas dos atletas e na constância de média dos resultados sendo positivo desde o primeiro banco, no segundo banco houve um salto desde o primeiro arremesso/lançamento desde o primeiro que se permanecia até o último. No estudo de Freire (2018) conseguimos ver através de teste e da coleta de dados a importância da vestimenta do atleta no caso de cadeirantes, relevância de se ter uma cadeira esportiva adequada aos seus moldes corporais.

Nos estudo citados aqui, perceptivo que técnica de impulsão ou uma técnica específica da modalidade que seja praticada pelo cadeirante irá ser influenciada positivamente ou negativamente pela cadeira esportiva e seus componentes, podemos adicionar o conforto que influencia a qualidade de vida, que obtido pelo respeito a ergonomia que pode ser oferecida pela cadeira ao seu usuário, devemos destacar também a funcionalidade das cadeiras, porque mesmo que se modifique, confeccione-se a cadeira não atender às demandas do usuário e a exigências da prática esportiva que ela foi feita poderá causar não só a perda de rendimento, mas uma perda de qualidade de vida ao causar lesões indesejadas.

É admissível considerar a necessidade de um olhar mais atento no desenvolvimento das cadeiras esportivas para auxiliar no progresso do atleta em sua atividade esportiva, do contrário, além de ser uma

péssima ferramenta, irá ser um fator de risco a saúde, impulsionando lesões indesejadas como destacado nos estudos de Oliveira (2019), Freire (2018) e Bittelbrunn (2007), que relataram uma ativação excessiva de musculaturas que não participavam diretamente da evolução do movimento. Fica claro que as cadeiras de rodas esportivas podem ser agentes causadores de lesões ou redutores dos mesmos, dependerá apenas do quanto ela veste bem seu usuário.

Com a evolução constante do esporte paraolímpico e as novas modalidades que surgem no programa dos jogos paralímpicos, considera-se a necessidade de ajustes finos como é o caso do Parabadminton que por ser recente a sua inclusão ainda não possui estudos sobre os equipamentos utilizados pelos atletas próteses, órteses e cadeiras de rodas esportivas no âmbito nacional, e aqui quero propor a confecção da cadeira do Parabadminton que é uma modalidade nova nos jogos paraolímpicos sem estudos relacionados no desenvolvimento de suas principais ferramentas como cadeira esportiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar os estudos nacionais que demonstraram interesse pela confecção ou análise das cadeiras de rodas esportivas, poucos estudos atenderam esse requisito, os que atenderam mostraram a importância que as cadeiras têm não só na vida diária dos usuários, mas para suas práticas esportivas, em segundo momento investigamos a relação da cadeira e rendimento, que se mostrou positivo interferindo diretamente de várias maneiras nas atividades esportivas.

Com esses estudos foi possível notar a importância dos detalhes, e em 14 anos no Brasil tivemos pouquíssimos estudos que tentaram melhorar ou confeccionar um material que pudesse ajudar os atletas no desenvolvimento de suas atividades esportivas. A partir dos estudos encontrados, foi possível identificar que as cadeiras de rodas superaram a ideia “de qualquer uma serve”, pois a qualidade de seu material

e a especificidade é importantíssima para um bom rendimento, caso seja uma cadeira feita sob medida atendendo as necessidades do atleta, respeitando suas demandas físicas e que proporcione um bem estar, somada a funcionalidade do indivíduo para suas atividades.

É preciso reconhecer que o esporte paraolímpico se encontra em constante evolução e que as novas modalidades irão surgir no programa dos jogos paralímpicos, além de considerar a necessidade de ajustes finos em equipamentos como no caso do banco e da cadeira de rodas, ou a possibilidade de confeccionar os equipamentos utilizados pelos atletas como próteses, órteses e as cadeiras de rodas esportivas no âmbito nacional, e aqui quero propor a confecção da cadeira do Parabadminton que é uma modalidade nova nos jogos paralímpicos sem estudos nacionais relacionados no desenvolvimento de suas principais ferramentas como cadeira esportiva.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, P. F. **Desporto adaptado no brasil: origem, institucionalização e atualidade**. 1997. 140f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

BERTONCELLO, I.; GOMES, L. V. N. **Análise diacrônica e sincrônica da cadeira de rodas mecanomanual**. Revista Produção v. 12 n. 1 2002.

BITTELBRUNN, C. C. **A importância da opinião multidisciplinar na formação conceitual do projeto de produto um estudo de caso de cadeira de arremesso para paratletas**. Programa de pós graduação em engenharia de produção e sistemas da pontificia universidade católica do Paraná, Dissertação de mestrado; Curitiba; agosto; 2007.

BONSIEPE, G.; YAMADA, T. **Desenho industrial para pessoas deficientes**. Brasília: CNPq /Coordenação Editorial, 1982.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; FILHO, A. R. R.; GAYA, A. C. **A tecnologia no esporte paralímpico**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

CARDOSO, L. S. **Estrutura modular ajustável para ergômetros de cadeirantes desportivos**. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.213>.

CASTRO, N. H. S. **Comparação do efeito de duas cadeiras de rodas esportivas na velocidade de propulsão e eficiência neuromuscular do músculo tríceps braquial em atletas praticantes de basquetebol sobre rodas.** 2012. 50f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2012.

CHAVES, E. S.; BONINGER, M. L.; Cooper, R.; Fitzgerald, S. G.; Gray, D. B; Cooper, R. A. **Assessing the influence of wheelchair technology on perception of participation in spinal cord injury arch of phys.** Med Rehabil Vol 85, pag 1854-8; November 2004.

CHESAN, C. G.; HERMES, F. **Tecnologia assistiva: surge uma nova realidade para as pessoas com deficiência física.** Revista Brasileira de Tecnologias Sociais, v.3, n.1, 2016 doi: 10.14210/rbts.v2.n1.p101-104.

DONEGÁ, T. J.; CRWHEEL. **Equipamento para personalização de cadeiras de rodas de corrida.** 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FREIRE, G. M. **Esporte adaptado e ergonomia: bancos de arremesso para atletas paralímpicos.** 2018. 261 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2018.

HAMMEL J.; LAI J.; HELLER T. **The impact of assistive technology and environmental interventions on function and living situation status with people who are ageing with developmental disabilities.** Disabil Rehabil; 24:93-105; 2002.

LABRONICI, R.H.D.D.; CUNHA, M.C.B.; OLIVEIRA, A.S.B.; GABBAI, A.A. **esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade.** Arq Neuropsiquiatr, 58, n. 4, p. 8, 2000.

LIANZA, S. **Reabilitação: a locomoção em pacientes com lesão medular.** São Paulo: SARVIER/Associação Paulista de Medicina, 1994.

LEISTER FILHO, A. **BMW fabrica cadeira de rodas de equipe norte-americana competir em Paralimpíadas do Rio.** Máquina do Esporte, São Paulo, 9 mar.2016.

MANN, W.C.; HURREN, D.; CHARVAT B. **Problems with wheelchair experienced by frail elders.** Technol disabil. vol. 5; pag. 101-11; 1996.

MATTOS E. **Pessoa portadora de deficiência física e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer.** In Pedrinelli VJ. Educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência. São Paulo. SEDES/MEC-SESI, 1994;78-79.

MEDOLA, F. O. **Sprigle, s.; avaliação da inércia rotacional de cadeira de rodas manual: implicações para o design ergonômico.** Blucher Design Proceedings, Número 4, Volume 1; novembro de 2014.

OLIVEIRA, S. F. M. L.; OLIVEIRA, I. G. L; COSTA, M. C. **Influência da resistência ao rolamento no desempenho de velocidade no rúgbi em cadeiras de rodas.** J. Phys. Educ. v. 30, e3001, 2019.

PACIOREK M. J.; JONES J. A. **Disability sport and recreation resources.** 3. ed. Traverse City: Cooper Publishing Group; pag. 427- 428; 2001.

ROGER O. S. **Measuring the outcomes of assistive technology: challenge and innovation.** Assistive technology: the official journal of Resna; vol. 8:2, pag. 71-81; 1996.

SCHERER, M. J.; CUSHMAN, L. A. **Measuring subjective quality of life following spinal cord injury: a validation study of the assistive technology device predisposition assessment.** Disability and rehabilitation; vol. 23, no. 9, pag 387-393; 2001.

SCHERER, M.J. **Living in the state of stuck: how technology impacts the lives of people with disabilities.** THIRD EDITION. CAMBRIDGE; MA: Brookline Books, 2000.

SCHERER M.; CUSHMAN, L. **Measuring subjective quality of life following spinal cord injury: a validation study of assistive technology device predisposition.** ASSESSMENT DISABIL AND REHABIL; Vol. 23, pag. 387-93; 2001.

WHO - *World Health Organization.* **International classification of functioning, disability, and health.** Geneva: WHO; 2001.

ZOBOLI, F; CORREIA, E. S.; MEZZAROBBA, C.; SILVA, R. I.; QUARANTA, A. M.; CARVALHO, E. **As Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana: investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local;** p158-159; SÃO CRISTOVÃO; EDITORA UFS, 2014.



## CARACTERIZAÇÃO DO JOGO

Tamires Nunes dos Santos

Marcos Lima Barbosa

Augusto César Alves dos Santos

Marcelo de Castro Haiachi

### INTRODUÇÃO

Os esportes paralímpicos englobam diversas modalidades. Entre elas, temos o Parabadminton que é o badminton estruturado para pessoas com deficiências, cujo objetivo é rebater a peteca sobre a rede, direcionando a mesma para o solo da quadra adversária. O vencedor da partida é quem marcar um total de 21 pontos, em melhor de três games. As regras da modalidade e as competições que surgem, faz com que os atletas e treinadores passem a desenvolver estratégias e planejamentos de treinos para aumentar suas chances de sucesso e melhorando a aprendizagem das habilidades técnicas, táticas e esportivas. A equipe técnica pode realizar análises de jogos, coletando dados e através dessas informações possibilitar o atleta a ter uma tomada de decisão mais consistente, auxiliando a ter um bom desempenho em quadra, levando a uma possível vitória.

Contudo, para obter um bom resultado, é necessário desenvolver algumas habilidades, como ter um bom raciocínio para realizar as estratégias, jogadas e identificar as situações-problemas que surgem. A leitura do jogo é uma análise importante tanto para o técnico, como para o jogador, pois será útil no planejamento dos treinos. O atleta tem que realizar a leitura do jogo e decidir o que fazer para resolver os problemas que podem surgir em quadra, mas nem todos possuem essa habilidade, que pode ser decisiva no jogo. As formas mais comuns de

## CARACTERIZAÇÃO DO JOGO

se analisar o desempenho das equipes em competições podem ocorrer através do *scout* que fornece dados primordiais e possibilitam tomadas de decisão mais consistentes, realizando a coleta das ações e características que são realizadas durante uma partida, podendo ser considerado como uma estratégia para detectar as variações do jogo e seus aspectos.

Esse registro quantitativo dos indicadores técnicos, como o número de golpes utilizados em um game ou a sequência de golpes com maior execução, oportuniza informações úteis para prescrição de treinamentos técnicos, táticos e físicos, levando-se em consideração o contexto da partida. Algumas pesquisas que já foram realizadas referente a análises de jogos, e mostram nos resultados que os golpes como o *Clear* e/ou *Neft-lift* foram os mais utilizados durante o game, com isso será verificado se esses golpes também fazem parte da sequência vitoriosa, o que poderá auxiliar na elaboração do planejamento da equipe e possível vitória. Auxiliando para a realização de um treinamento específico para as exigências solicitadas, sendo necessário entender cada vez mais os aspectos técnicos e táticos da modalidade, a fim de obter um bom rendimento.

Diante desse cenário, o trabalho procurou investigar a sequência de golpes predominantes na vitória de jogos de Parabadminton da classe *Wheelchair* simples masculino, contribuindo para a formulação de estratégias de treinamento mais eficazes e para a otimização do desempenho dos atletas.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta dos dados foi realizada a partir de uma análise notacional dos golpes através do *scout*, tendo como referência a análise observacional de partidas de Parabadminton com um total de 09 jogos analisados do campeonato *Sheikh Hamdan bin Rashid Al Maktoum 3rd Dubai Para Badminton International 2021*, da categoria simples masculino, dispo-

nível na plataforma *Youtube* no canal *Dubai Club For People Of Determination*, sendo quatro jogos da classe WH1 e cinco jogos da classe WH2. Para análise e interpretação dos dados, foi realizada a categorização das sequências identificadas com a quantidade de vezes que a mesma foi executada por classe e o percentual de ocorrência da mesma. A sequência vitoriosa técnico-tática será apresentada com os três últimos golpes executados (golpe/ resposta/ ponto vencedor), para similaridade com outro estudo (Ribeiro, 2019).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na sequência vitoriosa, foram categorizados um total de 195 tipos de sequências vitoriosas, sendo eles: 86 simples masculino WH1 e 109 do simples masculino WH2, conforme na tabela 01, que está descrita com a quantidade categorizada identificada da sequência e com o percentual de ocorrência de cada classe acima de 2%.

**Tabela 01:** Sequência Vitoriosa categorizadas

WH1			WH2		
SEQUÊNCIA	N	%	SEQUÊNCIA	N	%
<i>Clear/Drop-shot/Net-shot</i>	9	10,5	<i>Clear/Clear/Smash</i>	10	9,1
<i>Clear/Clear/Smash</i>	7	8,2	<i>Clear/Clear/Clear</i>	8	7,4
<i>Clear/Drop-shot/Drive</i>	7	8,2	<i>Clear/Clear/Drop-shot</i>	7	6,4
<i>Net-lift/Clear/Drop-shot</i>	7	8,2	<i>Clear/Drop-shot/Net-shot</i>	7	6,4
<i>Clear/Clear/Drop-shot</i>	6	6,9	<i>Clear/Drop-shot/Drive</i>	6	5,5
<i>Clear/Clear/Clear</i>	6	6,9	<i>Net-lift/Drop-shot/Net-shot</i>	5	4,6
<i>Clear/Drop-shot/Net-lift</i>	6	6,9	<i>Net-lift/Clear/Clear</i>	5	4,6
<i>Clear/Drop-shot/Smash</i>	5	5,8	<i>Net-lift/Clear/Drop-shot</i>	4	3,7
<i>Drive/Drive/Drive</i>	4	4,6	<i>Clear/Drop-shot/Smash</i>	4	3,7
Outros	29	33,8	<i>Net-lift/Clear/Smash</i>	3	2,7
			<i>Clear/Drop-shot/Net-lift</i>	3	2,7
			Outros	47	43,2

Fonte: Autor

A análise das sequências vitoriosas no parabadminton destaca, em primeiro lugar, a predominância do golpe *Clear*, que representa 75% das sequências táticas vitoriosas identificadas, evidenciando sua importância tanto na classe WH1 quanto na WH2. Esse golpe é amplamente empregado como uma ferramenta de controle da quadra e preparação para finalizações, tornando-se indispensável nos treinamentos. Para ambas as classes, é fundamental incluir exercícios específicos que aperfeiçoem a precisão e a potência do *Clear*, como treinos de repetição sob pressão e simulações de *rally*. Com isso, os atletas podem reforçar sua consistência durante partidas de alta intensidade.

Ademais, as diferenças estratégicas entre as classes WH1 e WH2 devem ser consideradas no planejamento dos treinamentos. A sequência predominante no WH1 foi *Clear/Drop-shot/Net-shot*, com 10,5% de ocorrência nas partidas. No WH2, por sua vez, a sequência mais frequente foi *Clear/Clear/Smash*, com 9,1%. Dessa maneira, para a WH1, os treinos devem enfatizar o desenvolvimento da paciência e da construção de jogadas, enquanto para a WH2, o foco deve estar na velocidade e na agressividade dos golpes, utilizando *sparrings* e simulações de partidas com pressão de tempo.

Outro aspecto relevante identificado é a relação entre golpes longos e curtos. Frequentemente, observou-se que sequências de golpes longos são finalizadas com golpes curtos, como *Net-shot* e *Smash*. Isso se deve ao fato de que, ao direcionar a peteca para o fundo da quadra, o adversário pode enfrentar dificuldades para retornar à posição ideal, permitindo a execução de golpes rápidos e curtos. Portanto, os treinamentos devem incluir exercícios de transição entre golpes longos e curtos, aprimorando a capacidade dos atletas de variar o ritmo do jogo e explorar as fraquezas do oponente.

Outro ponto evidenciado nos estudos é a dificuldade dos atletas em responder a saques curtos, o que pode sugerir uma necessidade de aprimoramento dessa técnica específica. Contudo, considerando que o jogo é imprevisível, fatores emocionais também devem ser levados em

consideração no treinamento. Por isso, programas de treino devem incluir abordagens que trabalhem a tomada de decisão sob pressão, combinando aspectos técnicos, táticos e psicológicos para um desempenho mais consistente.

Por último, levando em consideração a diversidade de sequências identificadas, é essencial que os treinamentos sejam personalizados de acordo com o estilo de cada atleta. A análise individualizada de desempenho, utilizando ferramentas como o *scout*, possibilita mapear as principais jogadas de sucesso e ajustar o treinamento conforme as necessidades específicas de cada jogador. Assim, aliando análise detalhada e aplicação prática, é possível estruturar treinamentos que maximizem as chances de vitória, atendendo às demandas tanto da classe WH1 quanto da WH2.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que na classe WH1, a sequência vitoriosa mais recorrente envolve os golpes *Clear*, *Drop-shot* e *Net-shot*, enquanto na classe WH2, a combinação predominante é *Clear*, *Clear* e *Smash*. Diante disso, é fundamental que os treinadores estruturem os treinos de forma a proporcionar uma experiência completa ao atleta, enfatizando a movimentação da cadeira e explorando diferentes áreas da quadra, além da variação de golpes. Essa abordagem permite ao jogador ampliar seu repertório técnico e estratégico, aumentando suas chances de sucesso durante as partidas.

## REFERÊNCIAS

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). **Parabadminton**. Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). 2020. Disponível em: <<https://www.cpb.org.br/modalidades/63/parabadminton>>. Acesso em: 08 Maio 2021.

HAIACHI, M. C.; OLIVEIRA, B. R. R.; ALMEIDA, M. B.; SANTOS, T. M. Indicadores de desempenho no voleibol sentado. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 3, p. 335-343, 2014.

CARACTERIZAÇÃO DO JOGO

RIBEIRO, W. O. M. **Análise de desempenho em jogos de wheelchair para-badminton**. 2019. 55 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

RIBEIRO, W. O. M.; ALMEIDA, M. B. Performance analysis in wheelchair para-badminton matches. **International Journal of Racket Sports Science**, 2 (1), 22-31. 2020.

STRAPASSON, A. M.; BAESSA, D. J.; BORIN, J. P.; DUARTE, E. Para-Badminton: quantificação dos fundamentos do jogo através do *scout*. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. p. 107-115, 2017.

STRAPASSON, A. M.; CHIMINAZZO, J. G. C.; RIBEIRO, W.O.M.; ALMEIDA, M.B.; DUARTE, E. Para-badminton: características temporais e técnicas do jogo.  **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 2, p. 57-63, 2018.



## PRIMEIROS DESAFIOS

Nathan Santos

Augusto César Alves dos Santos

Maria Gilda dos Santos Domingues Antunes

Tamires Nunes dos Santos

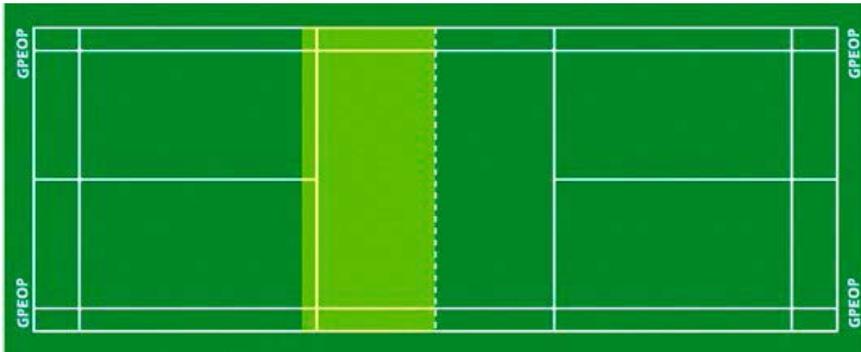
### PROPOSTA METODOLOGICA

O parabadminton é uma resposta à necessidade de universalização do esporte para todos, sendo a adaptação do badminton para pessoas com deficiência com a finalidade de torná-lo acessível a todos. Cerca de 8,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, um número expressivo que evidencia a necessidade de atendimento dessas pessoas em diversas áreas, incluindo o esporte. O parabadminton é uma ferramenta para promoção de benefícios motores e cognitivos, permitindo transformar a autonomia e a funcionalidade das pessoas com deficiência (PcD), possibilitando que explorem e conheçam suas potencialidades, seja como praticantes recreativos ou atletas.

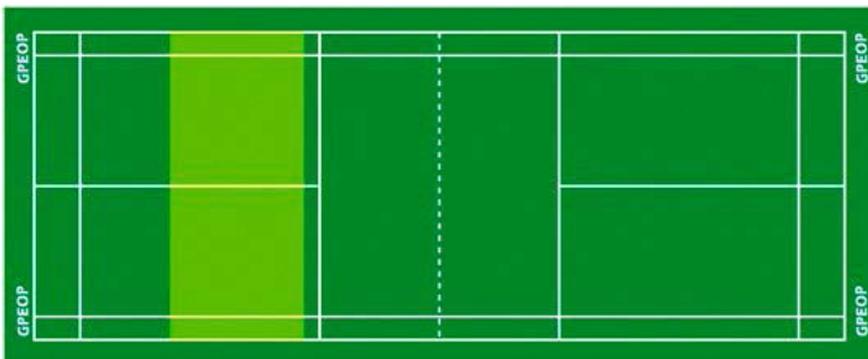
Nesse contexto, o papel dos professores é crucial, pois eles são os multiplicadores das ações e do ensino da modalidade. Além de incentivar a prática do parabadminton, os mesmos contribuem para o desenvolvimento de habilidades motoras relativas e permanentes, adquiridos por meio da prática ou experiência. Deste modo, uma metodologia bem estruturada é necessária para promover todos os benefícios apresentados pela modalidade de forma progressiva e segura, respeitando as limitações e incentivando a especificidade necessária para cada aluno. Para isso, uma abordagem pedagógica eficaz deve basear-se em métodos, técnicas e processos que orientam a prática do ensino de forma progressiva e consistente.

Tendo em vista o cenário apresentado, esta obra propõe uma metodologia de ensino em etapas para o desenvolvimento básico das aulas de parabadminton. No primeiro momento, as atividades consistem em recepcionar os alunos, promovendo um ambiente seguro, acolhedor e divertido. Essa fase inicial recomenda uma avaliação implícita ao nível de desenvolvimento motor dos alunos, excluindo a monotonia e considerando as classes funcionais e faixas etárias. Em seguida, deve-se realizar a apresentação da modalidade e seus materiais, como raquete, peteca, rede, quadra, cadeira de rodas, próteses, órteses, tênis e regras básicas, abordando a segurança e a preservação do espaço. É importante que a maior parte do tempo seja utilizada para atividades lúdicas e dinâmicas que promovam a interação com a raquete e a peteca, explorando pequenas áreas do jogo e estimulando a curiosidade e o senso de desafio dentre os alunos.

Em sequência, inicia-se a fase de introdução às técnicas básicas. O conteúdo desta etapa foca no ensino de técnicas do parabadminton sem perder as características lúdicas e dinâmicas. O ensino começa pelas empunhaduras básicas de forehand e backhand, com movimentos simples e controlados. Neste momento, o professor utiliza o fracionamento da área de jogo, trabalhando no primeiro terço da quadra, a Zona 1, como demonstrado na figura 1. Nessa área, são desenvolvidos os golpes de rede e introduzidos os movimentos de balanço de membros e tronco. Esses golpes, aliados ao fracionamento da quadra, buscam um desafio motor inicial e progressivo, alinhado aos princípios da aprendizagem motora, que preconizam a prática distribuída e orientada por etapas para promover o desenvolvimento de habilidades e o aprimoramento técnico.

**Figura 1:** zona 1.**Fonte:** Autores.

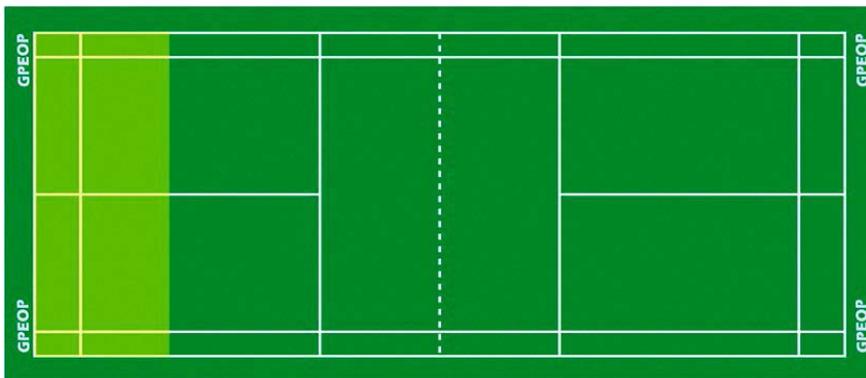
Na terceira fase, está incluído o segundo terço da área de jogo, a Zona 2, como demonstrado na figura 2. Nesta etapa, os golpes sobre a cabeça são incorporados, desenvolvendo as habilidades motoras trabalhadas anteriormente junto com as noções básicas de transição da Zona 1 para a Zona 2. Essa fase estimula a consistência dos ralis e gera desafios com a criação de exercícios táticos, aumentando o grau de dificuldade de forma ordenada e específica. Também é neste momento que se insere a explicação das regras por completo, promovendo maior compreensão da dinâmica do jogo.

**Figura 2:** zona 2.**Fonte:** Autores.

## PRIMEIROS DESAFIOS

Por último, na quarta etapa, os alunos são desafiados a aplicar o conhecimento adquirido em situações mais complexas, exigindo maior capacidade da tomada de decisões. O objetivo é introduzir golpes realizados sobre a cabeça no último terço da quadra, a Zona 3, como demonstrado na figura 3. São apresentados os conceitos de ataque e defesa, e o desenvolvimento tático e as transições entre as zonas são estimulados de forma mais desafiadora.

**Figura 3:** zona 2.



**Fonte:** Autores.

Os golpes a serem desenvolvidos em cada zona devem ser claros, bem como as técnicas utilizadas para realização do ensino. Seguindo estudos que caracterizam o badminton e parabadminton apresentamos no quadro 1 as características básicas de cada gesto técnico e a porção da quadra ao qual o mesmo pode ser realizado.

**Quadro 1:** Descrição das características técnicas e sua área de realização.

Serviço Longo de Forehand (Slf)	Serviço executado com a palma da mão que segura a raquete voltada para a área do oponente, com o objetivo de golpear a peteca para a parte do fundo da quadra adversária
Serviço Longo de Backhand (Slb)	Serviço executado com o dorso da mão que segura a raquete voltado para a área do oponente, com o objetivo de golpear a peteca para a parte do fundo da quadra adversária
Serviço Curto de Forehand (Scf)	Serviço executado com a palma da mão que segura a raquete voltada para a área do oponente, com o objetivo de golpear a peteca para a parte da frente da quadra adversária
Serviço Curto de Backhand (Scb)	Serviço executado com o dorso da mão que segura a raquete voltado para a área do oponente, com o objetivo de golpear a peteca para a parte da frente da quadra adversária
Net-Lift ou Lob (L) (Zona 1)	Golpe realizado próximo a rede da quadra, abaixo do bordo superior da rede, com trajetória ao fundo da quadra adversária
Net-Shot (N) (Zona 1)	Golpe realizado na zona da frente da quadra, o atleta golpeia a peteca para que a mesma caia na zona da frente da quadra adversária.
Drive (Dr) (Zona 2)	Golpe executado na altura da cabeça ou ombros, com trajetória paralela ao solo para a quadra adversária
Smash (S) (Zona 2 e 3)	Golpe executado do fundo ou do meio da quadra, a peteca realiza uma trajetória descendente e mais veloz possível, a fim de que caia no meio ou no fundo da quadra adversária
Kil (K) (Zona 1)	Golpe executado a frente da quadra sobre a altura da rede, a peteca realiza uma trajetória descendente e mais veloz possível até a quadra adversária
Drop-shot (D) (Zona 2 e 3)	Golpe executado acima da cabeça, a peteca é golpeada do fundo ou do meio da quadra com trajetória descendente próxima a rede na quadra adversária
Clear (C) (Zona 3)	Golpe executado acima da cabeça, a peteca faz uma trajetória parabólica do fundo da quadra (ou do meio) de quem golpeia para o fundo da quadra adversária
Bloqueio (B) (Zona 2)	Golpe essencialmente defensivo, pois é a resposta para um ataque veloz do adversário, onde o objetivo é bloquear a trajetória de ataque apenas posicionando a raquete para amortecer o impacto

Fonte: autores.

De forma geral, o ensino do parabadminton é mais do que um processo técnico; é uma ferramenta de inclusão social e transformação de vidas. Para isso, é necessário que o técnico desenvolva uma metodolo-

## PRIMEIROS DESAFIOS

gia estruturada, que leve em consideração as características individuais dos alunos e as demandas específicas da modalidade.

Com base em princípios éticos, científicos e pedagógicos, é possível criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e motivador, onde os alunos possam desenvolver suas habilidades motoras, técnicas e cognitivas. O parabadminton não apenas ensina os fundamentos do esporte, mas também promove valores como respeito, superação e autonomia.

Essa metodologia, quando bem aplicada, contribui para a formação de atletas confiantes e preparados, seja para a vida ou para o alto rendimento esportivo, reafirmando o poder do esporte como agente de transformação social.



# ORIENTAÇÕES PARA UMA SESSÃO DE TREINAMENTO

Nathan Santos  
Marlucia Cruz Farias  
Elenilton Correia de Souza

## PLANEJAMENTO DE UMA SESSÃO DE TREINAMENTO

**A** criação de uma sessão de treinamento exige planejamento eficiente baseado em avaliação prévia, execução bem orientada e uma reflexão contínua sobre o processo. O primeiro passo é avaliar as condições dos alunos, considerando aspectos como nível técnico, físico e psicológico, além de identificar os estilos de aprendizagem predominantes na turma. Alunos cinestésicos, por exemplo, aprendem fazendo, interagindo com materiais e praticando diretamente. Já os auditivos respondem bem a instruções verbais, diálogos e discussões. Por outro lado, os observadores observam exemplos e planejam suas ações a partir de modelos claros. Esta análise inicial deve ser complementada pela verificação dos recursos disponíveis, como materiais e infraestrutura, para garantir que a sessão seja planejada de forma realista e adequada aos objetivos propostos.

Com base nessa avaliação, o planejamento da sessão deve estabelecer metas claras, definindo métodos e estratégias adequadas às necessidades do grupo. É essencial integrar diferentes formas de comunicação para garantir a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. A comunicação verbal, com instruções diretas, pode ser combinada com a paraverbal, que utiliza variações de tom e velocidade da fala, e com a não verbal, que utiliza gestos e expressões faciais para fortalecer as mensagens. Adaptar uma abordagem comunicativa à dinâmica dos alunos aumenta o engajamento e facilita o ensino.

## **AValiação MULTIPROFISSIONAL E INTEGRADA**

Antes de iniciar as sessões de treinamento, é importante que os praticantes passem por uma análise global de sua saúde fisiológica, física, biomecânica e funcional. Muitas pessoas podem apresentar contraindicações e/ou algumas restrições que requerem observações por parte dos profissionais integrantes das ciências do movimento humano, como: profissionais de educação física, fisioterapeutas, fisiologistas, nutricionistas, médicos, entre outros. Dessa forma, possibilitam treinamentos mais assertivos e seguros pautados nos princípios da individualidade biológica, sobrecarga, adaptação, continuidade, especificidade, variabilidade, interdependência volume versus intensidade. Cada participante passa por coletas dos sinais vitais como pressão arterial, variabilidade da frequência cardíaca de repouso e treino, frequência respiratória, saturação de oxigênio e em algumas situações coleta-se o volume de oxigênio máximo ( $VO_2$  máx). Além desses dados, podem ser solicitadas análises sanguíneas para mapeamento bioquímico e concentração dos níveis hormonais que recebem influência de determinados exercícios. Outro ponto essencial é a utilização de algumas escalas que auxiliam na coleta de informações dos alunos. O questionário de qualidade de vida, por exemplo, busca compreender aspectos físicos, psicológicos, ambientais e sociais; A escala visual analógica informa a subjetividade dos níveis de dor podendo ser aplicada para diferentes partes do corpo; A escala de borg investiga a percepção de esforço, fundamental durante as sessões de treinamento; bateria de testes de “Rikli & Jones” que através de testes práticos analisa as capacidades físicas. Por fim, somados a todos esses aspectos, a avaliação postural e biomecânica otimiza a compreensão das estruturas e funções do corpo como uma forma de estruturar sessões com planejamentos diferenciados e com metas definidas. Testes funcionais como de flexibilidade, mobilidade, velocidade, agilidade, força e potência são amplamente utilizados em grupos e clubes esportivos, não apenas para definir o estilo de treinamento, mas

para mapear as condições de saúde e funcionalidade que auxilia a integração entre profissionais na prevenção de lesões musculoesqueléticas e intercorrências fisiológicas.

## **FASE INICIAL**

A estrutura da sessão de treinamento é organizada em três fases: inicial, principal e final. A parte inicial tem como objetivo preparar os alunos do ponto de vista fisiológico. Nesse momento, os exercícios de mobilidade articular desempenham um papel fundamental, promovendo a prevenção de lesões, o aumento da amplitude de movimento e a ativação muscular, o que melhora a eficiência dos gestos motores. Em seguida, o aquecimento é realizado com a função de aumentar gradualmente a frequência cardíaca e a temperatura corporal, o que otimiza a circulação sanguínea e as respostas neuromusculares. Além disso, é interessante que esta etapa inclua uma breve revisão dos conteúdos participantes das sessões anteriores, permitindo ajustes técnicos e táticos. Outra recomendação importante é inserir exercícios de movimentação em quadra.

## **FASE PRINCIPAL**

Na fase principal, concentram-se as atividades diretamente ligadas ao objetivo central da sessão. Nesse momento, são trabalhadas as habilidades técnicas, táticas e psicológicas permitidas para o desenvolvimento dos alunos. A progressão é fundamental: as atividades devem começar com movimentos básicos, evoluindo gradualmente em complexidade, sempre respeitando as individualidades do grupo e os diferentes estilos de aprendizagem. É nessa fase que se busca consolidar as metas traçadas para a sessão, como a melhoria de técnicas específicas, o aperfeiçoamento de estratégias em quadra e o fortalecimento da concentração e a tomada de decisão.

## FASE FINAL

Por fim, a fase final tem como objetivo a recuperação do organismo e as declarações do aprendizado. A volta à calma é composta por exercícios leves que ajudam a reduzir gradualmente a frequência cardíaca, prevenindo desconfortos fisiológicos, como tonturas ou quedas bruscas de pressão. Esse momento também é ideal para fornecer feedback, tanto intrínseco, com os próprios alunos sobre sua execução, quanto extrínseco, com observações do treinador e dos colegas. Esse retorno permite identificar desafios enfrentados durante a sessão, ajustar metas futuras e manter a motivação dos praticantes, incentivando a continuidade no esporte.

## CONCLUSÃO

Uma sessão de treinamento bem planejada, que considera a individualidade dos alunos, seus estilos de aprendizagem e as diferentes formas de comunicação, não é apenas um espaço de prática esportiva, mas também uma oportunidade de aprendizado contínuo e desenvolvimento integral. Quando aliada a exercícios dinâmicos e objetivos claros, torna-se um processo inclusivo e altamente eficiente.



## GERANDO MOVIMENTO NA VIDA DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS E AUDITIVAS

Leonardo Augusto Claudio de Souza Assis

Nathan Santos

Arthur Emanuel Azevedo Silva

**E**ste tópico busca fortalecer o conhecimento e a prática dos treinadores para trabalharem com os diferentes grupos que podem se beneficiar da prática do badminton, pessoas com deficiência intelectual e os surdos.

É importante compreender que treinadores de todos os níveis terão potencial para trabalhar de forma eficaz com atletas com deficiências. Ao passo que o tópico fornecerá algumas informações específicas sobre o treinamento de atletas de diferentes classes funcionais, juntamente com exemplos de como adaptar certos exercícios de acordo com as necessidades dos atletas.

### **BADMINTON PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)**

A deficiência intelectual (DI) abrange uma ampla variedade de condições, frequentemente descritas de formas diferentes ao redor do mundo. A definição pela *Special Olympics* concentra-se nas limitações do funcionamento cognitivo e nas habilidades relacionadas à comunicação, interação social e autocuidado. Essas limitações impactam diretamente a maneira como os indivíduos compreendem e interagem com o mundo, exigindo abordagens adaptadas e específicas.

Dentro da categoria geral de DI, existem inúmeras condições e diagnósticos, cada um apresentando um conjunto único de desafios. No con-

texto do badminton, o alcance das habilidades dos atletas com DI varia tanto quanto o oferecido no esporte convencional. Assim, é necessário que os treinadores adotem uma abordagem flexível e inclusiva, adaptando-se a uma ampla gama de capacidades e necessidades dos alunos.

A qualidade da comunicação entre o treinador e o atleta com DI é fundamental. Técnicas de comunicação eficientes e personalizadas tornam-se essenciais para facilitar o aprendizado, o engajamento e o desenvolvimento técnico. Um treinador que compreende as nuances de como transmitir informações, dar instruções e fornecer feedback pode fazer uma diferença significativa na experiência e no progresso do aluno.

No âmbito global, os clubes de badminton têm um papel importante na promoção do esporte para pessoas com DI. Algumas iniciativas integram esses atletas às atividades regulares dos clubes, enquanto outras desenvolvem programas específicos exclusivamente para essa população. Essa inclusão tem sido potencializada pela atuação da *Special Olympics*.

As oportunidades criadas pela *Badminton World Federation* (BWF) e a *Special Olympics* vão além do desenvolvimento técnico. O envolvimento no badminton oferece benefícios que incluem melhoria da autoestima, socialização e bem-estar físico. O esporte se torna um espaço de inclusão, permitindo que os atletas com DI desenvolvam suas habilidades, enfrentem desafios e comemorem conquistas individuais e coletivas.

Além disso, ao integrar atletas com DI em suas atividades, os clubes e organizações esportivas promovem uma mensagem poderosa: o badminton é um esporte para todos. Essa abordagem celebra a diversidade, promove a equidade de oportunidades e inspira um aprendizado mútuo, quebrando barreiras e fomentando um ambiente de respeito e cooperação.

Em suma, o badminton para atletas com deficiência intelectual não é apenas uma prática esportiva, mas uma ferramenta de transformação social e pessoal. Por meio de estratégias adequadas de treinamento e comunicação, e com o apoio de organizações globais como a *Special Olympics* e a BWF.

## **ENSINAR ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS**

O aprendizado de indivíduos com deficiência intelectual, independentemente do nível de gravidade, envolve desafios significativos. A dificuldade em generalizar o aprendizado de um contexto para outro, a lentidão no processamento de informações e a necessidade de repetições constantes são alguns dos obstáculos comuns. As estratégias de ensino precisam ser adaptadas, com recursos didáticos específicos e apoio contínuo, para garantir que o aprendizado ocorra de forma eficiente. As práticas inclusivas são um caminho essencial, mas exigem capacitação de educadores, apoio familiar e políticas públicas adequadas.

A falta de compreensão sobre a deficiência intelectual, tanto no ambiente escolar quanto social, também representa um grande desafio, pois muitas vezes estigmatiza os alunos e dificulta a inclusão. A necessidade de uma abordagem multidisciplinar que envolva psicólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem eficazes e para a promoção de um ambiente educativo inclusivo.

## **BADMINTON PARA ALUNOS SURDOS**

Existem diferentes graus de surdez, de perda moderada de audição a surdez profunda. Isso geralmente é definido pelo grau de perda de audição (medido pelos números de decibéis que um som deve ser amplificado para que seja ouvido), podendo ser unilateral ou bilateral. As causas mais comuns de surdez incluem a malformação da orelha, infecção, dano nos ossos da audição, dano no tímpano e danos nos nervos auditivos.

Enquanto muitos atletas surdos participam de clubes convencionais, também há clubes de badminton para surdos em todo o mundo. Existem competições locais, nacionais e regionais de badminton para surdos.

As Surdolimpíadas, uma competição de nível de elite, que é realizada a cada quatro anos, é um dos eventos multiesportivos mais antigos. Os primeiros jogos foram realizados em Paris 1924, com 148 atletas de 9 países, já nos jogos de 2017 isso aumentou para mais de 3000 atletas de 97 países. O badminton foi incorporado na edição de 1985. Os jogos foram originalmente conhecidos como “Olimpíadas do silêncio” e depois “Jogos mundiais para surdos” e em 2001 o nome “Surdolimpíadas” foi formalmente adotado.

## ENSINAR ALUNOS SURDOS

Para atletas com deficiência auditiva, o principal desafio para os treinamentos é a comunicação. Eles são capazes de observar os movimentos do treinador e até mesmo fazerem leitura labial, porém dificilmente conseguem fazer isso ao mesmo tempo. Sendo assim, demonstrações visuais claras são de suma importância para que possam entender melhor. Os intérpretes também são importantes desde que estejam familiarizados com a dinâmica do treinamento e com os aspectos de segurança.

Como a comunicação é fator determinante para o treinamento, buscar formas para fazer com que os atletas entendam a informação passada é essencial. No caso da dependência da leitura labial, falar claramente e na frente de todos facilita o entendimento dos atletas, já com os intérpretes a fala também deve ser objetiva para que eles possam passar a informação precisa para os atletas. Após demonstrações certificar-se que todos entenderam. buscar gestos que confirmem o entendimento como um joinha (polegar pra cima) faz com que o treinador tenha noção se os atletas estão compreendendo o que pode facilitar o desenrolar da sessão de treinamento

Em caso de dúvidas de atletas, técnicos ou auxiliares, repetir a pergunta para todos é essencial, para que todos possam entender. Aprender algumas palavras simples em linguagem gestual pode ajudar na

comunicação, ou até mesmo fazer a utilização de blocos de notas e de aparelhos eletrônicos para escrever/desenhar ajudam a descrever/demonstrar ações para facilitar a passagem de informação.

Os atletas com perda de audição tendem a se concentrar mais no visual, já que há a dificuldade de escutar o golpe da peteca, que auxilia nas reações dos atletas, portanto buscas estímulos visuais durante os treinos como balões, cones podem facilitar algumas ações como avisar para que o treinamento pare.

Com isso o treinador deve sempre lembrar que as informações devem ser direcionadas aos atletas e não para seus intérpretes, já que a principal dificuldade dos atletas com deficiência auditiva é a comunicação, pois estes não são limitados por habilidades físicas, logo fazer com que haja a compreensão da informação, juntamente com demonstrações visuais facilitará a concentração e o desenvolvimento do atleta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O badminton contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades motoras. Ele aprimora tanto as habilidades motoras grossas, como correr, saltar e se posicionar, quanto as motoras finas, como o controle da raquete. As atividades que envolvem ativamente o sistema óculo manual e os movimentos rápidos dos braços e pernas são especialmente úteis para melhorar a agilidade e a coordenação.

A prática do badminton em ambientes inclusivos promove uma interação social entre pessoas com e sem deficiência. Essa socialização é uma das principais vantagens de inserir a modalidade em programas educacionais e recreativos. Além disso, o esporte contribui para o aumento da autoestima e do senso de pertencimento dos participantes, criando um ambiente favorável para a integração e o desenvolvimento pessoal.

A necessidade de manter o foco constante para acompanhar a peteca, posicionar-se especificamente e realizar trocas de golpes contribui para a melhoria da concentração em indivíduos com deficiência inte-

lectual. A prática regular do badminton desenvolve a atenção seletiva e a percepção espacial, habilidades fundamentais para o desempenho em outras atividades do cotidiano.

A prática do badminton, especialmente em ambientes que incentivam a autonomia, auxilia no desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida diária, como tomar decisões rápidas, respeitar turnos e lidar com momentos de vitória ou derrota. Essas experiências ajudam a promover maior independência e a fortalecer a autoconfiança dos participantes.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, D. E. M.; SILVA, M. A. (Org.). **Deficiência auditiva**: causas, diagnóstico e reabilitação. Campinas: Papirus, 2021.

CARVALHO, D. E. M.; SILVA, M. A. (Org.). **Educação inclusiva**: novos olhares e práticas para a deficiência intelectual. Campinas: Papirus, 2021.

GOMES, S. M. **Esporte e deficiência**: práticas inclusivas no contexto escolar e social. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

GOMES, S. M.; CUNHA, L. A. **A inclusão de pessoas com deficiência intelectual**: teorias, práticas e desafios. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

GOMES, S. M.; CUNHA, L. A. **Deficiência auditiva**: avaliação, diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2022.

OLIVEIRA, F. R.; SILVA, M. A. **Inclusão e deficiência**: o papel do esporte na formação e integração de pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

PEREIRA, L. M. **Práticas esportivas adaptadas para surdos**. Campinas: Papirus, 2020.

PEREIRA, L. M.; SANTOS, A. F. **Desafios e conquistas da inclusão escolar de pessoas com deficiência intelectual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

PEREIRA, L. M.; SANTOS, A. F. **Deficiência auditiva congênita: diagnóstico e intervenção precoce**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

SANTOS, P. L.; OLIVEIRA, F. R. **Audição e reabilitação**: desafios da deficiência sensorioneural. São Paulo: Editora FGV, 2020.

SANTOS, P. L.; OLIVEIRA, F. R. **Práticas de inclusão**: deficiência intelectual e a diversidade no contexto educacional. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

Leonardo Augusto Claudio de Souza Assis; Nathan Santos; Arthur Emanuel Azevedo Silva

SILVA, M. A. **Deficiência auditiva unilateral**: características e abordagens clínicas. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, M. A. **Deficiência intelectual**: fundamentos e práticas. São Paulo: Cortez, 2020.



## SAÚDE MENTAL: A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO NA PANDEMIA E NO PÓS-PANDEMIA

Aline Lisboa dos Santos  
Jucimara Cabral de Santana Ramos

**A** Psicologia do esporte tem sido uma área emergente e crescente no Brasil, consolidando seu espaço de atuação e intervenção com grande êxito. Essa subárea da psicologia e das ciências do esporte estuda o comportamento humano no contexto de atividades físicas e práticas esportivas, abordando a influência dessas atividades na subjetividade, autoestima, confiança e motivação do indivíduo. Seu objetivo central é aumentar a qualidade de vida e melhorar o desempenho de atletas e paratletas, por meio da análise de pensamentos, emoções e comportamentos, bem como da compreensão das variáveis psicológicas envolvidas na prática esportiva.

Nota-se que a Psicologia do esporte pode se ramificar em três categorias principais: pesquisa, ensino e intervenção. No âmbito da pesquisa, destacam-se estudos acadêmicos que visam subsidiar a prática profissional com base em evidências científicas. Quanto ao ensino, este engloba a disseminação de conhecimentos em cursos de graduação e pós-graduação. Por fim, na intervenção, aplicam-se técnicas psicológicas para diagnosticar e auxiliar atletas e paratletas, contribuindo para o manejo emocional e a preparação para competições. Um exemplo notável é a atuação preventiva e interventiva de psicólogos em equipes de paratletas, auxiliando no enfrentamento de desafios emocionais durante competições de alto nível.

É necessário enfatizar que a Psicologia do esporte vem crescendo cada dia mais, e suas atribuições e possibilidades de intervenções não são estáticas e limitadas, apesar das barreiras profissionais, instrumentais e socioculturais que infere no trabalho das psicólogas do esporte. Diante do exposto, é indubitável a importância do esporte para a saúde mental do atleta, onde há a possibilidade de realizar reflexões em dois níveis: a influência do esporte na manutenção e no melhoramento da saúde mental dos atletas e paratletas; e o impacto negativo que o esporte pode ter também na saúde mental dos competidores.

Nota-se que o fato de realizar atividades físicas e executar movimentos corporais são benéficos para a saúde integral. Além disso, a implicação do sujeito em um esporte pode estar relacionada ao objetivo de superar seus limites e desenvolver habilidades novas, bem como o sentimento de pertencimento a uma equipe são fatores que podem melhorar a saúde mental e promover bem estar. Atenção, memória, capacidade de trabalhar em equipe, agilidade, força, concentração e competitividade são quesitos utilizados e desenvolvidos durante o ato esportivo, que em nível moderado e equilibrado fornecem melhorias na vida dos indivíduos.

Por outro lado, é importante destacar que os esportes de alto nível, nos quais já existe um maior profissionalismo durante o desenvolvimento das atividades, exigem também um esforço e comprometimento intensificados dos atletas. Em muitos casos, as cobranças internas e externas acabam tomando proporções desmesuradas, influenciando diversos aspectos da vida desses atletas. Nessa categoria, o esporte não é apenas um espaço de lazer e desenvolvimento pessoal, mas também envolve questões financeiras, com o atleta frequentemente possuindo vínculos, por vezes empregatícios, com as instituições. Em situações como essas, a saúde mental dos atletas pode sofrer impactos negativos, já que as pressões por alto desempenho e superação tornam-se excessivas.

Com o avanço das discussões sobre saúde mental na psicologia do esporte, a subjetividade dos atletas e paratletas está ganhando cada

vez mais visibilidade e atenção. Contudo, é fundamental enfatizar a necessidade de valorização da saúde mental no âmbito esportivo. Afinal, antes de serem atletas de alto rendimento, que precisam desempenhar bem em competições, esses indivíduos são pessoas com sentimentos, medos, preocupações, angústias, traumas e frustrações, os quais necessitam de cuidado e reconhecimento como seres humanos que sentem.

A pandemia provocou mudanças profundas na realidade dos atletas, transformando o habitual em algo novo, e as vulnerabilidades relacionadas à saúde mental, e à saúde em geral, se intensificaram abruptamente. Diante da necessidade de distanciamento social causada pela pandemia de COVID-19, o Comitê Olímpico do Brasil precisou adotar medidas específicas, não apenas em relação aos eventos olímpicos, mas também quanto aos treinos, que foram fortemente impactados. Os atletas e paratletas sentiram as repercussões desses acontecimentos, com muitos buscando outras atividades e outros lidando com as emoções geradas pela situação.

Embora a demanda por psicologia do esporte tenha aumentado, o reconhecimento dessa área continua sendo negligenciado. Falar sobre saúde mental é imprescindível, mas, diante dos aspectos históricos e sociais, essa temática ainda é tratada como um tabu. Foi durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, que o mundo se voltou para a atleta Simone Biles, uma ginasta que decidiu não competir em algumas modalidades devido a questões relacionadas à saúde mental. Esse ato gerou reflexões sobre o quanto os atletas cuidam de sua saúde mental e o quanto a sociedade investe no cuidado dos aspectos psicológicos.

É necessário reconhecer que as estatísticas não favorecem os atletas de alto rendimento no que diz respeito à saúde mental, considerando as grandes possibilidades desse público desenvolver patologias psicológicas. Não se trata apenas do diagnóstico, mas também do sentido que o atleta atribui ao esporte, levando em conta as pressões externas, internas e as demandas da modalidade, da sociedade, da família, além das questões subjetivas. Tudo isso pode gerar desgaste psicológico, can-

saço, ansiedade patológica e outros transtornos psiquiátricos.

Durante a pandemia, as demandas se intensificaram para os atletas e paratletas. O medo da contaminação, a tristeza e a não aceitação da pausa nos treinamentos, que pode ser caracterizada como lutos simbólicos, o aumento das responsabilidades domésticas e a incerteza sobre o fim da pandemia geraram um cenário de grande pressão emocional. Contudo, será que esse “anormal” foge do que é estabelecido como normal? Pensar sobre a realidade e, principalmente, sobre o cuidado com a saúde mental é também uma medida preventiva. Assim como a prática de terapia, a atividade física, o esforço para manter-se conectado com a família, mesmo que de forma remota, e o engajamento em atividades com significado pessoal, esses aspectos devem ser destacados como importantes. Afinal, prevenir é mais eficaz do que tratar.

Portanto, é essencial fornecer acolhimento aos atletas e paratletas, tanto durante quanto após a pandemia, pois, se a mente não está bem, o corpo também não estará, e vice-versa. No pós-pandemia, com o retorno dos treinos, será necessário buscar profissionais especializados em saúde mental, pois a readaptação será gradual e o rendimento não será imediato. Os atletas e paratletas precisarão de um olhar mais sensível e acolhedor, que respeite a expressão das angústias de cada subjetividade.

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB), em uma cartilha intitulada “Como promover e prevenir a Saúde Mental dos Atletas”, apresenta cuidados importantes, como o respeito ao próprio processo e a compreensão de que não estar bem fisicamente não significa que tudo esteja perdido. A cartilha também ressalta a importância de reconhecer as emoções como parte da experiência humana e, por isso, não há problema em sentir. Pelo contrário, expressar os sentimentos permite que o atleta libere o que está preso, e falar sobre as emoções é libertador.

A honestidade em relação aos temores também é um aspecto relevante, seja com a equipe ou com os treinadores, buscando resolver as questões grupais de maneira colaborativa, sempre mantendo o

olhar voltado para o respeito a si mesmo. Estar com a família, amigos e pessoas especiais é fundamental, pois o apoio social funciona como um acolhimento, mesmo que remoto, o que foi possibilitado pelo avanço tecnológico. A expressão de autocompaixão diante da situação física e do rendimento também é importante, reconhecendo que os progressos ocorrerão de forma gradual, no tempo subjetivo de cada um.

Confiar pode ser difícil, mas voltar o olhar para o bem-estar da equipe contribui para o crescimento coletivo. É necessário focar nas coisas boas e estar aberto às oportunidades que surgirem. O autocuidado tem um impacto positivo considerável na saúde integral. A cartilha do COB propõe a disseminação de atitudes de autocuidado como forma de prevenção de adoecimentos, alertando para sinais de sofrimento psíquico, como comportamentos estranhos, falta de ânimo, choro frequente sem causa aparente, sinais de ansiedade patológica, como suor nas mãos, taquicardia, tremores, náusea, tontura e aversão a realizar atividades.

Os atletas e paratletas não devem se pressionar para serem perfeitos, pois são humanos e, como tal, vivenciam emoções, pensamentos, comportamentos e experiências únicas diante das adversidades. A busca pela perfeição no esporte é uma meta inatingível, pois a perfeição é uma utopia. Todos erram, falham, sentem medo, choram, dão passos para trás e avançam de novo, mas isso não significa fracasso. Pelo contrário, demonstra a importância de ser quem se é, um ser humano que, através do esporte, constrói um caminho pautado no significado que encontra em sua prática esportiva. Todo atleta tem escolhas e, antes de tudo, é uma pessoa.

Os questionamentos levantados neste texto não se destinam apenas aos atletas e paratletas, mas também a refletir sobre o papel da Psicologia, independentemente da área de atuação, dentro dos ideais positivistas. O psicólogo do esporte não está lá para controlar os atletas, mas para compreender o ser humano em suas diversas facetas. O

objetivo da Psicologia não é esconder as dores, ansiedades e expressões subjetivas, mas trabalhar com essas emoções difíceis, ajudando os indivíduos a lidarem com seus pensamentos, crenças e a viver de acordo com seus valores.

Até que ponto ser o melhor atleta é vantajoso? Alcançar metas e sonhos ou alcançar a alta performance? Essas questões atravessam não apenas os atletas e paratletas, mas também as culturas. Como Bonotto (2019) afirma, “depende de nós, agindo politicamente, que não haja nenhum homem-máquina, ou que ele seja tão amável quanto o homem de lata do Mágico de Oz, que acaba ganhando um coração no final da jornada. É o homem como autor do seu destino”.

## REFERÊNCIAS

BARREIRA, C. R. A. TELLES, T. C. B.; FILGUEIRAS, A. Perspectivas em Psicologia do Esporte e Saúde Mental sob a Pandemia de Covid-19. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. v. 40, 2020.

BATAGLION, G. A.; MAZO, J. Z. Movimento paraolímpico brasileiro nos ensejos da pandemia COVID-19: isolamento social e representações sociais na mídia digital. **Ciências Sociais Aplicadas**. v.18, 2020.

BONOTTO, C. **Simbologia de O Mágico de Oz. Linha Pontilhada**, 16 jul. 2019. Disponível em: <<https://linhapontilhada.home.blog/2019/07/15/simbologia-de-o-magico-de-oz/>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

BREGMAN, S. **Simone Biles, de Tóquio a Paris: a diferença de três anos e a importância da saúde mental**. Disponível em: <<https://olympics.com/pt/noticias/simone-biles-debate-saude-mental-ginastica-artistica>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

COLAGRAI, A. C. et al. SAÚDE E TRANSTORNO MENTAL NO ATLETA DE ALTO RENDIMENTO: MAPEAMENTO DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS INTERNACIONAIS. **Movimento**, v. 28, p. e28008, 8 abr. 2022.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **COMO PROMOVER E PREVENIR A SAÚDE MENTAL DOS ATLETA?** Disponível em: <[chrome-extension://efaidnbmnfnibpcajpcglclefindmkaj/https://admin.cob.org.br/uploads/1024\\_7e45be6f77\\_01b757d51d.pdf](chrome-extension://efaidnbmnfnibpcajpcglclefindmkaj/https://admin.cob.org.br/uploads/1024_7e45be6f77_01b757d51d.pdf)>.

DIAS, A. H.; SOUZA, E. L. A. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. **Psicologia & Sociedade**. 24 (3): 729-238, 2012.

FERNANDEZ-RODRIGUEZ, E. J. et al. Study on the additional financial burden of breast cancer disease on cancer patients and their families. Financial toxicity in cancer. **Frontiers in Public Health**, v. 12, p. 1324334, 3 jul. 2024.

JILOHA, R. C. COVID-19 and Mental Health. **Epidemiology Internacional**. Vol5. 2020.

MARKUNAS, Marisa. Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 01-13, dez. 2007.

JACÓ-VILELA, A. M. A Psicologia no Brasil: Formação e Institucionalização. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, p. e287307, 2 set. 2024.

MACIEL, M. G. et al. A humanização da atividade física em um programa governamental: um olhar necessário. **Interface (Botucatu, Online)**, p. 1235-1245, 2018.

PINTO, R.; CRUZ, C. R. R. A Importância da Psicologia do Esporte e do Exercício nos Dias Atuais. **REVISTA CIENTÍFICA FADESA**, v. 1, n. 1, p. 1-8, 25 jan. 2024.

ROAUNET, S. P. (2003). O homem-máquina hoje. In A. Novaes (Org.), **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo** (pp. 37-64). São Paulo: Companhia das Letras.

RICE, S. M. et al. The Mental Health of Elite Athletes: A Narrative Systematic Review. **Sports Medicine (Auckland, N.Z.)**, v. 46, n. 9, p. 1333-1353, set. 2016.

SCHINKE, R. et al. Sport psychology services to high performance athletes during COVID-19. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 18, n. 3, p. 269-272, 3 maio 2020.

TAKEDA, O. H.; STEFANELLI, M. C. Atividade física, saúde mental e reabilitação psicossocial. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 10, n. 2, 1 abr. 2006.

VIDIGAL, M. D. P. et al. Análise do nível de ansiedade pré-competitiva em jogadores de futebol: comparação entre partidas amistosas e campeonato municipal. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 17, n. 1, p. 55-64, 19 jun. 2024.

VIEIRA, L.F. et al. Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. **Psicologia em Estudo**. v. 15, n. 2, pp. 391-399, 2010.



## **SOBRE OS AUTORES**

### **Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi**

Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós graduação em Ciências do Movimento da Universidade Federal de Sergipe (DEF/PPGCM/UFS); Coordenador do Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE); Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP); Representante do Brasil na rede Mundial RIASPORT - Red Estatal de Investigación Aplicada sobre Seguridad Deportiva.

### **Prof. Dr. Elenilton Correia de Souza**

Doutor em Ciências da Saúde - PPGCS; Docente do curso de Fisioterapia - Centro Universitário UniAges; Docente substituto - Departamento de Fisioterapia - UFS Campus Lagarto; Fisioterapeuta atuante nas Olimpíadas Rio 2016, sendo atualmente colaborador do esporte e Paradesporto sergipano, com certificação Nacional pela BWF; Coordenador da Liga Acadêmica Desportiva, Paradesportiva e Traumato-ortopédica (LADEPTO).

### **Aline Lisboa dos Santos**

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Formada pelo Centro Universitário Ages (2022); Foi estagiária da Defensoria Pública do Estado de Sergipe; Secretaria Executiva da Liga Acadêmica em Psicologia da Saúde (LAPS); Diretora de Eventos do Grupo de Estudos em Relações Raciais (GERR); Atuou como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Arthur Emanuel Azevedo Silva**

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Graduando em Psicomotricidade; Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Augusto César Alves dos Santos**

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Atuou como treinador do Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE); Instrutor de Pilates formado pela FlexVitta em 2018; Coach Level One pela Badminton World Federation (BWF); Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Jucimara Cabral de Santana Ramos**

Graduada em Psicologia e pós-graduada em Neuropsicologia pela Ages; Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Membro do Núcleo de Estudos em Psicologia Clínica e da Saúde (NEPCS-UFS); Realizou pesquisa sobre Conduitas autolesivas em adolescentes do ensino médio.

**Leonardo Augusto Claudio de Souza Assis**

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Marcos Lima Barbosa**

Graduado em Educação Física Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Pós-Graduando em Análise de desempenho no futebol e futsal; Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Maria Gilda dos Santos Domingues Antunes**

Paratleta; Graduada Educação Física Bacharelado da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Membro do Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE); Membro titular do Conselho de Justiça e Disciplina Desportiva Estudantil CONJUD - SE; Ex-diretora de Parabadminton da Federação Sergipana de Badminton Sergipe (FSBd).

**Maria Vitória de Santana Nobre**

Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário UniAges; Foi vice-presidenta da liga acadêmica Desportiva, Paradesportiva e Traumatologia Ortopédica (LADEPTO).

**Marlucia Cruz Farias**

Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário AGES - UniAGES; Graduada em Fisioterapia Traumatologia Ortopédica (FAVENI); Colaboradora da Liga Acadêmica de Fisioterapia Desportiva, Paradesportiva e Traumatologia Ortopédica - (LADEPTO); Atuou como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Nathan Santos**

Graduado em Educação Física Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe; Tem posse do título de Coach Level One e Tutor do Coach Level One pela Badminton World Federation (BWF), além de ser Professor credenciado no Programa Shuttle Time pela mesma instituição (2020); Concluiu o curso de Formação de Professores de Badminton pela Superintendência de Esportes da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe e pela Federação Sergipana de Badminton (2020); Exerce a função de Técnico no Projeto Paradesportivo de Sergipe; Atua como vice-presidente da Federação Sergipana de Badminton; Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP); Membro pesquisador do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe (CDPPEL).

**Renan Wesley Santos do Rosario**

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário UniAges; Foi presidente da Liga Acadêmica Desportiva, paradesportiva e Traumato-Ortopédica (LADEPTO); Representante do Colegiado de Fisioterapia noturno.

**Renisson Diego Guimarães Vieira**

Graduando em educação física bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe; Técnico em informática do departamento de educação física da Universidade Federal de Sergipe (DEF/UFS); Presidente da associação Move Sport Club; Vice-coordenador do projeto de extensão badminton na UFS; Coordenador de escalas da Comissão Nacional de Arbitragem de Badminton; Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).

**Tamires Nunes dos Santos**

Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Foi técnica no Projeto Paradesportivo de Sergipe - PPdSE/UFS (2019 - 2020); Coach Level One pela Badminton World Federation (BWF); Atua como membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos (GPEOP).



**Criação** Editora

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Gilvan Rodrigues dos Santos

Ítalo de Melo Ramalho

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

